



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Vanessa de Simas Madruga

**VIVÊNCIAS DO CORPO E DA PRÓPRIA
SEXUALIDADE NA PROSTITUIÇÃO**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento, orientada pelo Professor
Doutor Eduardo João Ribeiro Santos e apresentada à Faculdade de
Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.**

Fevereiro de 2023

“Can you remember
who you were,
before the world told
you who you should be.”

Charles Bukowski

Agradecimentos

Primeiro que tudo, gostaria de agradecer a cada uma das pessoas que despendeu do seu tempo para participar neste estudo. A cada uma destas mulheres, o meu mais sincero agradecimento, obrigada por demonstrarem coragem e aceitarem partilhar a sua história, dando uma voz a todas as pessoas que vivem em silêncio e com medo de se pronunciar.

Ao Professor Doutor Eduardo João Ribeiro Santos um agradecimento especial por toda a sua orientação e inteira disponibilidade no decorrer destes meses de trabalho, pelos ensinamentos transmitidos, toda a clareza e simpatia em momentos de maior dificuldade, pelas reuniões de trabalho e por fim, por nunca me ter permitido desistir, incentivando sempre continuar e a atingir os objetivos.

Aos meus pais e toda a minha família, por todo o apoio incondicional desde o primeiro dia e por continuarem a motivar-me mesmo durante as fases de mais saudade, pelas palavras mais delicadas e honestas, mas acima de tudo por estarem sempre ao meu lado e me incentivarem a seguir os meus sonhos.

À Dr.^a Maria Lobo que sempre esteve presente, demonstrando generosidade e disponibilidade a qualquer momento, pela preciosa ajuda e confiança depositada, especialmente no estabelecimento de contato direto numa fase inicial de recolha de dados. Pela forma amiga, mas sempre sincera que me presenteou em todas as fases e momentos, mas principalmente naquelas alturas mais complicadas. Por todas as partilhas, todo o conhecimento transmitido e acima tudo pela contínua motivação.

À Paula por toda a sua cumplicidade e amizade, os conselhos mais valiosos, partilhas pessoais e profissionais, conversas fora de horas, momentos divertidos, boa disposição, apoio e companheirismo, mas acima de tudo por ver sempre o lado positivo da vida.

À Associação Existências e toda a sua equipa técnica pela oportunidade de colaboração, profissionalismo, bom ambiente, flexibilidade, companheirismo, convívio, disponibilidade de recursos e tempo, mas acima de tudo por me terem acolhido tão bem, dentro e fora da instituição.

Ao professor Joaquim pela sua orientação e inteira disponibilidade nesta fase final do meu percurso académico.

Às minhas companheiras de casa, Anabela e Carolina, que estiveram sempre ao meu lado, não só nos momentos bons, mas essencialmente naquelas fases mais críticas e

difíceis. Por acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu própria duvidava, pela sua amizade, paciência, mas acima de tudo por fazerem de Coimbra uma casa.

Aos meus amigos, que me acompanharam neste percurso e que me ajudaram de diversas formas, por todas as partilhas, pelas sessões de estudo, pelas noites mais animadas e sem fim, pela disponibilidade, pelos bons momentos e as boas recordações que ficaram para sempre guardadas. De uma forma geral, obrigado por terem transformado a minha vida académica em algo memorável e acima de tudo especial. Obrigado Inês, Carina, Márcia, Miguel, Filipe, Pedro e Rute.

À TAUC por me ter acolhido desde o primeiro dia até ao último, obrigado por terem tornado o meu percurso académico muito mais fácil, cheio de experiências e diversidade, foi especial.

À FPCEUC, por todo o profissionalismo e ensinamento ao longo destes cinco anos.

A todos os meus amigos, que mesmo longe e não tendo participado diretamente nesta jornada devido aos rumos diferentes que tomámos, mas que ainda assim sempre se demonstraram disponíveis e pacientes. Aqueles que continuaram a acreditar nas minhas capacidades, ainda que eu duvidasse, por todo o seu carinho e resumindo ao mais importante a sua mais sincera amizade.

E por último...

A todos os que, em algum momento, direta ou indiretamente fizeram parte do meu percurso académico.

Resumo

O indivíduo enquanto Ser, encontra-se em constante mudança e transformação, uma construção na qual o corpo assume um papel significativo. O corpo, enquanto instrumento, possibilita ao indivíduo conhecer, experienciar e compreender o mundo, estabelecer as mais diversas relações, expressar e comunicar, mas acima de tudo permite ao indivíduo escolher o seu caminho e tomar as suas próprias decisões. Desta forma, podemos referir que a perceção do indivíduo sobre o mundo vai se modificando consoante as vivências do corpo e o significado atribuído a estas.

O presente estudo tem como objetivo compreender e descrever de que forma a população trabalhadora do sexo percebe e mantém um equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, sendo que o próprio corpo detém um papel central. Neste sentido, foi desenvolvido um estudo de natureza qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas. A recolha de dados ocorreu a partir de uma amostra constituída por 8 sujeitos que exercem trabalho sexual, todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 26 e 64 anos e em diversos contextos (*e.g.* rua e domicílio). Posteriormente, procedeu-se à transcrição das entrevistas e efetuou-se a análise de dados recorrendo à análise de conteúdo categorial.

De acordo com os resultados, as participantes apresentaram características diferentes, mas partilham uma realidade bastante similar. Os resultados mostraram que as participantes ao fim de algum tempo de exercício na atividade conseguem mediar as suas vivências através da adoção de todo um conjunto de estratégias comportamentais e emocionais, com a experiência que vão adquirindo, estas passaram a estabelecer determinados limites que lhes permitiram, principalmente, facilitar as vivências no trabalho sexual. No entanto, os mesmos resultados demonstraram que os efeitos resultantes das estratégias desenvolvidas nem sempre são os pretendidos e que dependendo da fase de vida em que cada participante se encontra, alcançar o equilíbrio necessário entre a vida profissional e pessoal pode ser algo complexo.

Palavras-chave: trabalho sexual, preconceito, discriminação, vivência corporal e emocional, equilíbrio pessoal e profissional

Abstract

The individual as a Being, is in constant change and transformation, a process where the body takes on a significant part. The body, as instrument, allows the individual to know, express, and communicate, but above all else it allows the individual to choose its path and take its own decisions. Thereby, one can state that the individual's perception of the world changes according to the body's lived experiences and the meaning attributed to them.

The following study aims to understand and describe in which way the sex worker population perceives and maintains the balance between their personal and professional lives, since their own body plays a central role in both. In this regard, it was developed a study of qualitative nature, with resource to semi-structured interviews. The data acquisition occurs from a sample of 8 female subjects that exert sexual work (with ages from 26 to 64 years), and in several contexts (e.g., street and domicile). Afterwards, the interviews were transcript and data analysis was performed with the resource of categorical content analysis.

According to the results, the participants presented different features, but share a quite similar reality. The results showed that, after some time from the beginning of the activity exert, the participants can mediate their experiences by adopting a set of behavioral and emotional strategies. With the experience acquired, the participants start to set boundaries that allow the participants, mainly, to smooth the sex work experiences lived. However, the same results demonstrate that the resulting effects from the developed strategies are not always the desired ones and, depending on the stage of life, finding the balance between the professional and personal lives can be complex.

Keywords: sex work, prejudice, discrimination, emotional and body experience, personal and professional balance

Índice

Introdução.....	8
I. Enquadramento Teórico	10
Breve Evolução Histórica.....	10
Prostituição em Portugal.....	14
Prostituição versus Trabalho Sexual.....	15
Atores e Protagonistas	17
Contextos.....	18
Motivações	21
Reação Social e Impacto.....	23
Exclusão	24
Preconceito e Discriminação	25
Violência.....	26
Vivência Corporal.....	28
Limites Corporais	29
Sexualidade.....	31
Vivência Emocional	33
II. Metodologia.....	35
Participantes	36
Instrumentos e forma de Recolha de Dados	40
Procedimentos	41
Análise e Tratamento de Dados.....	42
III. Apresentação e Discussão dos Resultados	44
IV. Conclusão e Reflexões Finais.....	62
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	70

Introdução

A prostituição como profissão é uma prática que existe há milhares de anos. Considerada uma das mais antigas do mundo e característica a todas as sociedades, podemos referir que faz parte da nossa história (Oliveira, 2004). No momento presente, designada não por prostituição, mas sim trabalho sexual, considerado um termo bastante mais abrangente para tudo o que este engloba, ainda que não seja inteiramente aceite e reconhecido como tal.

Os constantes estigmas sociais impostos pela sociedade e toda a polémica envolvente ao trabalho sexual e aos seus atores continua bastante presente nos dias atuais. Estigmas estes portadores de numerosas consequências, são assim considerados comportamentos de risco, um desvio social, resultando numa não normalização da atividade. Posto isto, podemos referir que um dos principais pontos-chave perante o reconhecimento do Trabalho Sexual como profissão, é o papel do corpo.

O tema do presente estudo exploratório centra-se assim nas vivências do corpo e da própria sexualidade. Num mundo em que o corpo representa um papel significativo na vida de um indivíduo é relevante perceber como é que os trabalhadores do sexo vivem e se sentem no seu próprio corpo. Assim, podemos definir que o objeto de estudo se incide na forma como as trabalhadoras do sexo distinguem e mantêm o equilíbrio entre o lado profissional e pessoal, sendo que o próprio corpo é o seu instrumento de trabalho.

A interação constante com trabalhadores sexuais no decorrer do estágio curricular demonstrou ser um dos principais impulsionadores para o desenvolvimento desta investigação, além de ter despertado uma maior motivação para querer saber e descobrir mais relativamente ao tema e a sua população, não exclusivamente através da recolha e fontes de informação indiretas, mas privilegiando o contacto direto com a própria fonte, do relato do próprio indivíduo e a forma como este estabelece a barreira entre a mente e o corpo.

Ainda que faça parte da história e se encontre presente na realidade social, as investigações no campo do Trabalho Sexual são bastante reduzidas e pouco abordadas nos dias atuais, principalmente investigações que envolvam a compreensão de populações marginalizadas, como é o caso dos trabalhadores sexuais e a importância de compreender o que estes sentem não só fisicamente, mas também emocionalmente,

quando expostas neste trabalho. Maioritariamente o trabalho sexual é visto como “uma forma de obter dinheiro fácil”, mas na realidade poucos sabem aquilo porque cada trabalhador sexual realmente passa e suporta, a sua história, os seus motivos, as consequências físicas e emocionais, as suas experiências.

A presente investigação tem como objetivo compreender esses mesmos pontos. O indivíduo não deve ser encarado unicamente como trabalhador sexual, mas também como alguém que tem uma vida além do seu trabalho, pessoal, familiar, um companheiro. Neste seguimento, é importante compreender o papel do corpo e da sexualidade em todas as vertentes da vida do indivíduo enquanto trabalhador sexual.

Posto isto, e de forma a dar resposta aos objetivos supramencionados, optou-se pela utilização de uma investigação de natureza exploratória, permitindo assim uma interação simbólica e uma nova perspetiva. Assim, seguimos um novo prisma, dando voz a uma população desfavorecida e excluída socialmente (Bogdan & Biklen, 1994).

Deste modo, o presente estudo seguiu uma estrutura composta por quatro capítulos. Num primeiro capítulo, centremo-nos inteiramente na literatura considerada pertinente para a conceptualização e adequada compreensão da temática em estudo, clarificando e desenvolvendo determinados pontos como: 1) Uma breve revisão histórica da prostituição, a evolução e estado atual da prostituição em Portugal em termos legislativos; 2) Prostituição versus o conceito de trabalho sexual; 3) As motivações que levam um indivíduo a ingressar no mundo do trabalho sexual; 4) A reação social e o impacto da mesma na qualidade de vida dos trabalhadores do sexo; 5) O papel do corpo e da sexualidade.

No segundo capítulo, seguimos com a apresentação da metodologia adotada nesta investigação, explicitando qual a amostra populacional selecionada, os procedimentos e instrumentos utilizados na recolha de dados e ainda a análise e tratamento dos dados.

De seguida, o terceiro capítulo destina-se à apresentação e discussão dos dados recolhidos em articulação com a informação adquirida com a revisão da literatura.

Por último, com o capítulo quatro, pretendemos enunciar as considerações finais, abordando ainda as conclusões obtidas sobre a investigação desenvolvida, findando com uma reflexão profunda acerca das suas limitações e potencialidades.

I. Enquadramento Teórico

Breve Evolução Histórica

Quando mencionamos prostituição, o primeiro pensamento que nos surge é toda uma ideia, visão construída envolta de estigma, exclusão e censura, mas a realidade é que muito antes dessa mesma estigmatização proporcionada pela sociedade existiu uma outra face da prostituição (Oliveira, 2004). Posto isto, torna-se pertinente recuar um pouco no tempo, perante aquele lado desconhecido, numa tentativa de compreender, aprofundar e ainda apresentar conhecimento relativo ao tema.

Historicamente, sabemos que a prostituição é considerada por muitos como a profissão mais antiga do mundo, mas nem sempre foi considerada como tal, podemos assim referir que com o passar do tempo e o avançar das diversas civilizações e sociedades a prostituição passou por diversas transformações (Oliveira, 2004). A sociedade, no decorrer do tempo, passou a encarar a prostituição e as suas formas através de um conjunto de aceitação e rejeição, sendo que as pessoas que a exerciam eram vistas concomitantemente como profissionais respeitadas, vítimas e delinquentes.

Assim, recuando um pouco através das referidas transformações e papéis da prostituição, podemos mencionar que, durante a antiguidade o exercício da prostituição era visto como uma ocupação respeitada (Marques & Costa, 2014). As primeiras civilizações referiam-se ao exercício da prostituição como um ritual sexual, que tinha como intuito promover a união. Assim as mulheres que a exerciam eram associadas à grande Deusa, uma encarnação da mesma e como tal uma força geradora de vida. As mulheres consideradas então sacerdotisas acreditavam que através de rituais e práticas sexuais poderiam aceder ao poder da Deusa, e ainda através desse poder podiam encontrar controlo sobre a sua própria sexualidade (Roberts, 1992).

Durante o período supramencionado, os homens desconsideravam o seu papel na procriação e muito menos demonstravam qualquer interesse pelo poder paternal, aspetos que mais tarde resultaram num aumento de protagonismo masculino, e ainda proporcionaram o surgimento da cultura e das sociedades patriarcais (Marques & Costa, 2014). Assim, novas formas de relacionamentos começaram a emergir e um aumento de controlo sobre a sexualidade da mulher (Roberts, 1992).

O começo de um regime patriarcal resultou numa mudança de poder entre as mulheres e os homens, estes passaram a ser nomeados sacerdotes e com isso um

aumento de poder sobre os cultos, rapidamente as mulheres se tornaram sacerdotisas, consideradas simultaneamente mulheres sagradas e prostitutas (Silva, 2018). É neste preciso momento, segundo Roberts (1992), que surgem as primeiras prostitutas da história, as mudanças de poder levaram as mulheres a ocupar um papel secundário.

Na Grécia antiga a alteração do papel da mulher na sociedade, teve como repercussão a submissão e obediência desta perante o homem, seja esta casada ou solteira (Silva, 2018). A diferença de direitos sociais e políticos entre ambos os géneros cada vez mais se tornou significativa, as mulheres eram assim consideradas socialmente inferiores aos homens (Ullmann, 2007, citado por Silva, 2018). O exercício da prostituição feminina apresentava-se como algo recorrente dentro das classes sociais mais baixas, isto pela necessidade de sobrevivência e de gerar algum rendimento, a prática da prostituição neste caso só se demonstrava possível pela autonomia social que estas classes detinham (Silva, 2018).

Neste período, a mulher só era considerada prostituta pelo número de parceiros com que esta tinha relações sexuais. A realidade é que, mesmo dentro da prostituição existe uma hierarquia entre as mulheres: prostitutas com origem modesta e de classes sociais mais baixas não podiam frequentar os mesmos locais que as prostitutas pertencentes a classes sociais mais altas, mulheres que detinham poderes e privilégios possuíam aptidões e determinadas qualidades, maioritariamente de nacionalidade estrangeira (Ullmann, 2007, citado por Silva, 2018).

É com o início da história patriarcal que se sucede uma acentuação da divisão das mulheres entre as esposas, consideradas “boas” obedientes, e as prostitutas, consideradas “más” e sexualmente autónomas (Roberts, 1992). A divisão entre mulheres fez com que houvesse um aumento de leis e opressão sobre a prostituição e aquelas que a exerciam. Com o decorrer dos anos, a independência sexual e financeira das pessoas que exerciam a prostituição tornou-se intimidante para a religião, especialmente para as religiões patriarcais, que acreditavam ter de tomar medidas numa tentativa de suprimir o poder das mulheres e tais rituais que eram considerados pecados graves (Roberts, 1992).

Em Roma, a expansão do império só conseguiu favorecer o aumento da prática da prostituição, desta vez, não só junto das mulheres, mas também agora os homens a exerciam (Silva, 2018). Neste período, a estigmatização junto da prostituição ainda não se fazia sentir, pelo contrário esta era aceite e explorada, considerada assim uma

profissão sem qualquer vergonha (Abal & Schroeder, 2017). Em suma, podemos entender que a prostituição se encontrava bastante presente e integrada a nível social e económico na civilização romana.

Apenas com a queda da Império Romano e um aumento significativo do cristianismo, é que a prática da prostituição começou a perder lugar junto da sociedade. Esta começou a ser vista como um perigo e uma prática moralmente condenável que necessitava de ser controlada (Silva, 2018).

Com o início da Idade Média, a Igreja Cristã começa a desempenhar um papel mais ativo junto da sociedade, o que acaba por resultar numa maior censura para com a prática da prostituição e ainda a limitação da própria sexualidade feminina (Foucault, 1994 citado por Silva, 2018). Contudo, mesmo sendo alvo de censura pela igreja, esta continuava a ser por muitos considerada um mal necessário e até mesmo tolerada permitindo assim aos homens solteiros satisfazerem sexualmente as suas necessidades (Silva, 2018), ao mesmo tempo que os mantinham afastados de mulheres consideradas “respeitáveis”. Paralelamente, podemos ainda referir que independentemente de toda a ambiguidade que ocorria neste período, as prostitutas tinham plena consciência do seu papel dentro da sociedade.

Posteriormente, foram criados bordéis, públicos e privados, os quais permitiram a realização de encontros sexuais (Abal & Schroeder, 2017). A realidade é que a sua criação permitiu um maior controle sobre a prostituição, ainda que no final fossem sempre encarados como algo negativo e proporcionador de problemas (Silva, 2018).

A rejeição surgiu e logo a prática da prostituição foi associada à violência, levando a igreja a conseguir o apoio necessário junto das autoridades para fechar os bordéis públicos, tendo como objetivo principal diminuir a visibilidade da atividade. No decorrer dos anos seguintes, até mesmo séculos, diversas leis e regras foram criadas numa tentativa de controlar e vigiar a prática da prostituição, assim como a vida daqueles que a praticavam (Silva, 2018). Esta busca e tentativa de controlo veio acentuar uma suposta diferenciação entre mulheres que praticavam a prostituição e as “tradicionais mulheres de família”, neste seguimento realizaram-se imposições e privaram-se direitos (Roberts, 1992). Por último, podemos afirmar que o fim da Idade Média veio resultar em mais um conjunto de transformações.

O início dos tempos modernos fez-se acompanhar de uma vasta expansão no campo da prostituição, as mulheres aqui começaram a ganhar um maior destaque e

movimento (Silva, 2018). Através de mudanças, surgiram também novas formas de socialização, contudo, a sociedade ainda se demonstrava bastante conservadora e moralista quanto à prática da prostituição (Rago, 1991). A realidade é que, mesmo que o objetivo fosse impedir a prática da prostituição e obter controle sobre a sexualidade feminina (Silva, 2018), motivos como: o aumento do desemprego e os baixos rendimentos levaram a que muitas mulheres recorressem cada vez mais à prostituição. Atualmente, motivos como os supramencionados continuam a permanecer como principais fatores que levam as mulheres à prostituição, como iremos verificar mais à frente no estudo.

Ainda nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, vários estados consideraram que a prostituição e os indivíduos que a praticavam não tinha lugar na sociedade, como tal era necessário restringir e limitar os seus movimentos, seja através da regulamentação/legalização ou até mesmo a proibição (Hirata, 2009, citado por Silva, 2018). Consequentemente, além de se observar uma intensificação do receio moral, iniciaram-se também políticas de regulamentação bastante severas, políticas sexuais repressoras, e por último, perpetuava-se uma imagem completamente distorcida da prostituição e da sexualidade (Rago & Funari, 2008).

Prostituição em Portugal

Centremo-nos agora na evolução da prostituição em Portugal. Segundo Oliveira (2004), a prostituição em Portugal compõe-se por quatro períodos legislativos bastante distintos e característicos: o pré-regulamentarismo, o regulamentarismo, o proibicionismo e por fim, o abolicionismo.

O primeiro período designou-se por legislação avulsa ou pré-regulamentarismo. Este, caracterizou-se pelo aparecimento de múltiplas iniciativas legislativas avulsas para com a prostituição e aqueles que a praticavam (Oliveira, 2004). Desta forma, enquanto surgiam adversidades (*e.g.* regras, limites e castigos) na vida daqueles que recorriam à prostituição como forma de viver, também a sociedade permitia o decorrer da mesma, virando a cara ao seu acontecimento, tolerando-a. Assim sendo, podemos referir que este período alternava muito entre a condenação e tolerância da prostituição.

Num segundo momento surgiu o regulamentarismo, de 1953 a 1962, caracterizando-se por uma tentativa de controlo e regulação da prostituição enquanto atividade, com a aplicação de regulamentos por todo o país pretendia-se um maior controlo por parte das autoridades, assim, todas as pessoas que exerciam a prostituição passavam agora a ser obrigadas a seguir diversas medidas, como: o registo individual, a participação em diversas inspeções periódicas, e ainda a apresentação do livrete individual (Oliveira, 2004). Ainda durante o período do regulamentarismo, surge o movimento abolicionista. Este movimento acreditava, portanto, que a prática da prostituição dependia unicamente da escolha de cada indivíduo. À luz deste pensamento o movimento “tinha como objetivos, além de acabar com a regulamentação, eliminar a exploração da prostituição e conseguir a igualdade dos dois sexos face à lei, bem como punir o ultraje público ao pudor e a provocação pública ao deboche” (Oliveira, 2004, p.28).

Com o fim do regulamentarismo e a mudança no sistema legal, surge o proibicionismo. Este período teve início em 1963, mais precisamente a 1 de janeiro, quando oficialmente é proibido o exercício da prostituição direta ou indiretamente, a transgressão da lei representava pena de prisão. A realidade é que a proibição da prostituição, não surtiu o efeito pretendido, na realidade, só resultou na prática da mesma em condições mais degradantes e o aumento da exposição a vários perigos (*e.g.* assaltos, agressões, abuso de poder pelas autoridades, entre outros) (Oliveira, 2004). Em 1982, dá-se o fim do período do proibicionismo.

Por último, e aquele que se encontra em vigor na atualidade é o período do abolicionismo. Iniciou-se a 1 de janeiro de 1983, anulando a lei imposta em 1962, colocando assim o fim à proibição do exercício da prostituição. Em seguimento da mesma, entra em ação a despenalização da prostituição e criminalização do lenocínio. Segundo Oliveira (2004), a prostituição, “não estando legalizada, também não é criminalizada. Existe um vazio legislativo que não pune, não regula, mas ignora esta atividade” (p.33).

Assim, incorre no crime de lenocínio “Quem, profissionalmente ou com intenção lucrativa, fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição, é punido com pena de prisão de seis meses a cinco anos.” (Decreto-Lei n.º. 48/95, artigo 169.º, n.º.1, de 15 de março do Código Penal, 1995). Em 1991, ficou estipulado a eliminação de quaisquer formas e meios de exploração e tráfico de mulheres, englobando a prostituição.

Deste modo, podemos ratificar que até atingirmos a legalização da prostituição ainda existe muito caminho a percorrer, porque na realidade “Além das leis criminais, não há leis laborais ou tributárias, ou quaisquer outras leis, relativas à prostituição.” (Oliveira, 2017, p. 205). Importa ainda, e principalmente, evoluir e refletir a nível social bem como, parar com a estigmatização que rodeia a prostituição e as pessoas que a praticam. Torna-se assim necessário fazer ouvir estas vozes que se encontram contidas, e rever, não só os deveres, mais acima de tudo assegurar os seus direitos.

Prostituição versus Trabalho Sexual

Remonta a uma existência de milhares de anos, mas nunca se demonstrou um trabalho simples definir a prostituição. No final, cada indivíduo atribui sempre um significado diferente de acordo com aquilo que conhece direta ou indiretamente.

Com o decorrer do tempo diferentes noções foram surgindo, atribuídas não só por pessoas que colocavam em prática a atividade, mas também por aqueles que em nada se relacionavam com esta, pessoas exteriores com ideias estereotipadas e de zero conhecimento. Autores como Oliveira (2004, p.82), afirmam que definir a prostituição acaba por ser, de certa forma, complicado, porque “As dificuldades estão em encontrar as fronteiras, em delimitar”, saber diferenciar aquilo que é do que não é.

As primeiras definições de prostituição a emergir associavam-se principalmente ao sexo feminino, excluindo o envolvimento de outros atores. O lado negativo e moralista que se impunha acabou por gerar o aparecimento de palavras e denominações como meretriz e tolerada.

Posteriormente, após um conjunto de diversas transformações e avanços da sociedade, as antigas definições começaram a ser descartadas e caindo em desuso. O papel da moralidade foi descartado e novos elementos foram adotados (Oliveira, 2004). Iniciaram-se novas investigações e como resultado emergiram também novas definições, agora mais complexas e fundamentadas. Como resultado, novos atos e atores passaram a ser incluídos, feitos que antes nem eram considerados.

A realização de novas investigações conduziu ao levantamento de novas questões como por exemplo, se há ou não uma implicação emocional na prática da prostituição. Alguns autores acreditavam nessa mesma hipótese, paralelamente, outros duvidavam e até mesmo chegavam a contrariar (Oliveira, 2011).

Foi nos anos 70 que ocorreu uma mudança importante, os comportamentos que anteriormente eram julgados e alvo de estigmatização começavam agora a ser interpretados com outros olhos (Oliveira, 2011). É neste período que surge uma nova compreensão perante a prostituição. É a americana e prostituta, Carol Leigh que introduz o conceito de trabalho sexual, uma nova abrangência e designação, na qual se expressa que a prostituta não deve ser vista como uma desviante social, mas sim uma trabalhadora sexual (Oliveira, 2004).

O aparecimento do conceito de trabalho sexual, representou toda uma nova dimensão, uma bastante mais abrangente. Este conceito passou a representar uma atividade de prestação de serviços sexuais, e assim tornou-se oficial, agora o próprio conceito de trabalho sexual representava uma profissão, longe dos estigmas e dos estereótipos. O trabalho sexual consistiria assim numa atividade comercial, às quais se propunham a prestação de serviços sexuais ou eróticos para quem quisesse comprar (Oliveira, 2011).

Com a introdução do conceito supramencionado, podemos concluir que a prostituição consistiria apenas numa das muitas formas de trabalho sexual. Desta forma, a prostituição passou a ser definida essencialmente como o “desempenho de relações sexuais (*e.g.* genitais, orais, anais ou masturbatórias), entre outras atividades com

conotação sexual, com uma pessoa ou mais por motivos não sexuais” (Oliveira, 2004, p.89), e sim essencialmente por motivos económicos.

Por fim, importa mencionar que o trabalho sexual enquanto atividade é multiforme englobando assim diversos atores, em vários contextos. Este, não só é heterogéneo, como abrange trabalhadores sexuais femininos, masculinos e transexuais, sendo que aqui se torna indiferente a orientação sexual do trabalhador sexual, idade, nacionalidade ou até mesmo as características étnicas. A realidade é que, mesmo com a apresentação e introdução do conceito trabalho sexual na sociedade, nos dias de hoje o mesmo ainda não se encontra totalmente inserido e aceite (Oliveira, 2011).

Atores e Protagonistas

Relativamente ao trabalho sexual, podemos verificar toda uma diversidade e multiplicidade, especialmente no que concerne aos trabalhadores sexuais, os quais podemos classificar por: sexo, idade, orientação sexual, liberdade e vontade com que exercem as práticas sexuais, bem como o contexto em que essas mesmas práticas ocorrem e se desenrolam (Oliveira, 2004).

Por conhecimento comum sabemos que a prostituição no feminino corresponde à maioria da população trabalhadora do sexo, mas a verdade é que com o decorrer dos anos cada vez mais a prostituição masculina, homossexual, heterossexual, incluindo os transexuais e os travestis, tem vindo a emergir, ainda que no final constituam uma minoria perante a feminina (Oliveira, 2004).

Torna-se pertinente ainda referir, que, mesmo que a generalidade dos trabalhadores sexuais sejam pessoas adultas, existe ainda uma percentagem representativa destes que são crianças (prostituição infantil), vítimas de exploração sexual, as quais se vêm obrigadas e forçadas a práticas sexuais para ganhos de outros (Oliveira, 2004). Parte desta população é ainda constituída por imigrantes, indivíduos que deixaram o seu país de origem à procura de melhores condições de vida para si e para a sua família, alguns através de falsas promessas, às quais posteriormente acabam presos, muitas vezes por falta de recursos.

Ainda dentro do conjunto de atores que caracterizam o trabalho sexual, podemos evidenciar os clientes. Estes, tal como os trabalhadores sexuais, não constituem um grupo uniforme, antes pelo contrário, as suas características sociodemográficas (*e.g.*

idades, estado civil, nível económico entre outras), variam bastante. O mesmo acaba por suceder com as motivações que levam estes indivíduos a recorrer e a procurar as práticas sexuais fornecidas pelos trabalhadores sexuais, essas motivações acabam de alguma forma por variar um pouco de acordo com cada cliente ou até mesmo com as suas características sociodemográficas (Oliveira, 2004). Segundo diversos estudos, podemos evidenciar algumas motivações que se destacam e que levam a recorrer a trabalhadores sexuais, sendo estas: respostas sexuais fáceis, de baixo custo e sem compromisso; ausência ou o mínimo envolvimento emocional possível; novas experiências e fantasias sexuais, bem como a procura por intimidade ou companhia. Paralelamente aos trabalhadores sexuais, a população de clientes é constituída maioritariamente por homens, e ainda que não seja abordado ou até mesmo notório, a realidade é que uma minoria desta população é constituída por mulheres clientes (Oliveira, 2004).

Por último, podemos aludir os/as proxenetas, também designados por: chulos. Estes tendem explorar e servir-se da prostituição para fins lucrativos. Anteriormente, eram estes homens ou mulheres que se encarregavam de proteger aquelas que seguiam e optavam pelo caminho da prostituição, por outro lado, sucessivamente tornaram-se eles mesmos os principais interessados em que essas mulheres continuassem as práticas, de forma a poder explorar e obter lucro. Alguns proxenetas frequentemente acabam por manter uma relação com o trabalhador sexual, não só comercial, mas também afetiva, relações essas que também se podem revelar passivas ou abusivas (Oliveira, 2004).

Contextos

Tal como foi mencionado anteriormente, os trabalhadores sexuais podem também ser classificados conforme os contextos em que as práticas sexuais se desenrolam, dividindo-se estes em: Prostituição de rua e Prostituição de interior.

Prostituição de Rua

Segundo Oliveira (2017), a prostituição em contexto de rua foi a primeira a surgir, verificando-se rapidamente dominante. Autores como Hoigard e Finstad (1992, citado por Oliveira, 2004), afirmam que trabalhadores sexuais que praticam atividades sexuais em contexto de rua apresentam muitas semelhanças, caracterizam-se

particularmente por: pertencerem à classe trabalhadora, declararem antecedentes socioeconômicos, habilitações académicas e idades semelhantes, origens de famílias irregulares e por vezes disfuncionais, além de demonstrarem alguns problemas de aceitação e baixa autoestima.

O trabalho em contexto de rua pode ainda ser retratado pelos seus valores baixos, trabalhadores sexuais com nacionalidades semelhantes, tipicamente podemos encontrar indivíduos novatos nas práticas prostitutivas, toxicodependentes e ainda, indivíduos que se encontram aflitos e desesperados em termos económicos (O'Neill & Barberet, 2000, citado por Oliveira, 2004).

Segundo Oliveira (2011), a prostituição de rua encontra-se dividida espacialmente em quatro zonas: residenciais, comerciais, zonas verdes (*e.g.* matas e parques) e vias de passagem de tráfego automóvel. Quanto à transação sexual entre o trabalhador sexual e o cliente, os locais muitas vezes eleitos passam pelo recurso a pensões, muitas vezes os carros dos clientes, também os próprios automóveis dos trabalhadores sexuais, entre outros dependendo também do cliente e da zona em que se encontram.

Posto isto, podemos evidenciar ainda que a prostituição de rua é aquela que se encontra exposta a um maior número de perigos, desde agressões, assaltos, abusos, violações, raptos, entre muitos outros, sejam estes por parte dos clientes ou desconhecidos (Oliveira, 2004).

Por último, é importante mencionar que com o decorrer dos anos e a expansão do trabalho sexual, a prostituição de rua em determinada altura passou a constituir uma minoria e bastante escassa em comparação aos trabalhadores sexuais que desenvolvem as práticas sexuais em contextos de interior (Oliveira, 2017).

Prostituição de Interior

Quando falamos de prostituição, tal como tudo o resto podemos referir que esta segue uma hierarquia. Como consequência, também os trabalhadores sexuais que constituem a prostituição de interior estão organizados segundo uma hierarquia considerando o local e a função que estes desenvolvem (Oliveira, 2004).

Como foi supramencionado, a prostituição de interior segue uma hierarquização, dividindo-se assim em diversas classes, incluindo: *call-girls*, acompanhantes, trabalhadoras de casas de massagens e de bordel, pessoas que se prostituem em bares.

Desta forma, este mesmo conjunto de classes é constituído pelas mais diversas características (*e.g.* tipos de serviços; preços correspondentes a esses mesmo serviços; estatuto social, estatuto económico, características físicas; poder negocial; independência, entre outras) (Oliveira, 2017).

Quanto aos locais onde se desenrola a prostituição de interior e os serviços, podemos observar diversos estabelecimentos como: apartamentos privados, moradias, hotéis, bares, clubes, casas de massagem, saunas, bordéis, empresas de telefonemas eróticos e outros ambientes da indústria pornográfica (Oliveira, 2011). Desta forma, a prostituição de interior retrata-se por ser mais fechada e discreta, não tendo grande visibilidade junto da comunidade (Oliveira, 2004), representando assim uma maior segurança e independência para os trabalhadores sexuais (Lopes; Oliveira, 2006, citado por Oliveira, 2017).

O surgimento de novas fontes de informação e formas de contato, contribuiu para o desenvolvimento e expansão da prostituição de interior, potencializando o trabalho sexual e assim a angariação de novos clientes (Bernstein, 2007), isto tudo através de videochamadas, fóruns, sites e outros serviços *online* (Oliveira, 2013).

De modo a finalizar, é importante ainda destacar e compreender o impacto emocional que o trabalho sexual tem na vida do indivíduo, especialmente quando falamos da prostituição de interior. Em comparação com a prostituição de rua, a prostituição de interior acarreta uma componente emocional e íntima muito maior (Oliveira, 2004).

Em síntese, podemos referir que as principais características que distinguem a prostituição de rua da de interior são: estatuto social, controlo sobre as condições de trabalho, experiências no trabalho, problemas psicológicos e de autoimagem e ainda, impacto na comunidade.

No entanto, é significativo reter que mesmo que ambos os contextos de prostituição se destacam pelas características supramencionadas, ainda existem momentos em que tal divisão é inexistente, ou seja, verifica-se casos de trabalhadores sexuais que trabalham em ambos os contextos (Oliveira, 2011). Além disso, independentemente de estes trabalharem em ambos os contextos ou apenas num, estes profissionais encontrar-se-ão sempre expostos a diversas vulnerabilidades (*e.g.* saúde, violência física, sexual, verbal e emocional) e riscos (*e.g.* ambientais, de vida, e proteção) (Almeida & Costa, 2019).

Motivações

Vários estudos apontam para a complexidade do fenómeno que é a interpretação do comportamento prostitucional (Oliveira, 2011). Neste seguimento, quando falamos de prostituição, uma das questões mais relevantes e que suscita maior interesse, são as causas e motivações que levam estas mulheres (maioritariamente), a ingressar e a recorrer a este tipo de atividade, profissão que é o trabalho sexual.

As primeiras investigações científicas relativas ao comportamento prostitucional apontavam diversas questões sociais, familiares ou até mesmo psicológicas como principais motivações para a adoção destes comportamentos (Benjamim & Masters, 1964; McCaghy, 1985, citado por Oliveira, 2011). Com o decorrer do tempo, e um maior aprofundamento relativo ao tema, explicações como as supramencionadas passaram a ser consideradas demasiado subjetivas e enviesadas.

Autores como Meier (1989, citado por Oliveira 2011), evidenciam aqui a presença da aprendizagem social defendendo que “o comportamento humano representa uma quantidade infinita de padrões de resposta aprendidos-obtidos pelo contacto com pessoas que encorajam e fornecem modelos significativos, bem como oportunidades de aprendizagem-e que a prostituição, sendo um comportamento complexo, não é exceção” (p.20).

Segundo Bartol (1991, citado por Oliveira, 2011), indivíduos que se envolvem na prostituição, não se limitam a um único perfil, antes pelo contrário estes “demonstram um leque alargado de tipos de personalidade, vários níveis de educação e enquadramentos familiares e diversos percursos de vida”, ainda que se reconheça “haver uma forte associação com histórias familiares conflituosas, experiências sexuais negativas e toxicodependência” (p.20).

Posto isto, podemos verificar que não existem motivos coletivos, um padrão que leve um indivíduo a seguir o caminho da prostituição. Na realidade, cada indivíduo possui os seus próprios motivos, quando opta por ingressar e permanecer neste caminho (Soares, Santos, Cardoso, Neves, & Batista, 2015). Muitos encontram-se numa luta pela sobrevivência à qual não dispõem de muitas alternativas, outras pretendem uma vida melhor e com mais luxo.

Roberts (1998, citado por Russo, 2007), refere que, antigamente ainda que a prostituição fosse vista e interpretada como uma prática sagrada, atualmente esta não passa de uma troca económica e sexual, na qual o dinheiro desempenha um papel

fundamental. Assim, este passa a ser considerado como um intermediário nas relações de prostituição, modificando não só a atividade, mas tudo aquilo que se encontra à sua volta e de alguma forma relacionado (Russo, 2007).

Neste seguimento, sabemos que dentro do conjunto de motivações que levam ao caminho do trabalho sexual, as que mais se destacam são as económicas. Segundo Oliveira (2004), e as suas investigações, independentemente da “história de vida da trabalhadora sexual, o percurso que efetuou no passado, os acontecimentos de vida com os quais se defrontou, se não foi por dinheiro que iniciou, pelo menos é por dinheiro que se mantém” (p.171).

A partir de diversas investigações foi possível concluir que a maior necessidade de todos os trabalhadores sexuais é sempre a mesma, o “dinheiro”, sendo que o motivo por detrás desta necessidade é que pode diferenciar consoante o indivíduo. Uma percentagem desta população, principalmente aqueles que são originários de outros países, iniciam e mantêm-se na atividade com o intuito de garantir um melhor futuro, através de um suposto conforto económico, o objetivo é aumentar o nível de vida e continuar até reunir uma quantia razoável e satisfatória (Oliveira, 2004).

Algumas pesquisas, ainda que se revelem genéricas e incididas sobre diversas perspetivas, chegam à conclusão de que existem alguns conjuntos de fatores comuns que impulsionam a atividade prostitucional, certos problemas sociais que facilitam e contribuem para a entrada do indivíduo no mundo da prostituição (*e.g.* miséria; procura por conforto económico; consumo de substâncias ilícitas; uma estrutura familiar desequilibrada; abuso sexual; abandono; entre outros) (Soares, Santos, Cardoso, Neves, & Batista, 2015).

Por último, podemos referir que as investigações desenvolvidas sobre o trabalho sexual nos dias de hoje procuram novas abordagens e uma maior aproximação para com a população em questão. Assim, visamos obter uma relação direta e um maior aprofundamento na temática, acompanhando as mudanças, adicionando novas vozes, novos contextos de trabalho, permitindo assim uma nova interpretação e partilha comum de experiências enquanto trabalhador sexual (Oliveira, 2004).

Reação Social e Impacto

Tal como foi mencionado anteriormente, a prática da prostituição provém desde a antiguidade. Desde então, o papel da mulher na sociedade já sofreu diversas alterações, passando de valorizada e estimada, a submissa e obediente, a ser considerada devassa. Situação que se agravou com a emergência das sociedades patriarcais. O surgimento das construções de papéis de género, levou à tentativa de controlo das mulheres e do seu modo de vida dividindo-as em grupos, especialmente, consoante o seu comportamento sexual.

Segundo Almeida e Costa (2019), a prática da prostituição pode representar um papel de persistência e autonomia das mulheres perante os padrões impostos pela sociedade, o resultado do abandono de um papel doméstico, conservador e moralista. Historicamente, o desenvolvimento desta atitude de independência e oposição das mulheres perante as normas e crenças definidas pela sociedade acabou por ter um efeito de aumento e reforço da estigmatização sobre o trabalho sexual, com base na imagem de que o trabalho sexual é uma atividade incorreta e desviante (Almeida & Costa, 2019).

Desta forma, perante os olhos da sociedade os trabalhadores sexuais não passam de indivíduos imorais e delinquentes, com comportamentos desviantes e condutas inapropriadas, que devem ser isolados da sociedade (Alles, 2018). Posto isto, a primeira reação social para com estes indivíduos passa pela rejeição e exclusão (Oliveira, 2011), assente na repercussão da visibilidade mediática e social de todo o estigma envolvente à temática (Alles, 2018).

Goffman (1963, citado por Oliveira, 2011), define o conceito de estigma como um atributo ou marca, “que confere um descrédito profundo, uma diferença deplorável” (p.216), ao indivíduo, contribuindo assim para um afastamento, desigualdade social e até mesmo exclusão. Verifica-se assim, um conjunto de obstáculos frente à melhoria da sua qualidade de vida, desde o difícil acesso a serviços de saúde, cuidados, informações entre outros recursos sociais e económicos. Desta forma, podemos concluir que dentro da sociedade o estigma acaba por ter efeitos devastadores (Leão & Lussi, 2021).

Posto isto, podemos referir que os trabalhadores do sexo enquanto grupo socialmente excluído e marginalizado é alvo de vários estigmas associados à profissão, os quais acabam por influenciar diversas dimensões da sua vida, além de gerar múltiplas consequências e efeitos a curto e longo prazo (Day & Ward, 2004; Ribeiro *et al.*, 2008

citado por Oliveira, 2011). Investigações revelam que populações alvo de estigmatização, como é o caso dos trabalhadores do sexo, tendem a debater-se com problemas como: alto nível de restrição da liberdade; alto nível de suscetibilidade à violência física e psicológica; baixo bem-estar (Nahra, 2005 citado por Oliveira, 2011).

Exclusão

Centremo-nos num primeiro momento na situação de exclusão que esta população é alvo, mais precisamente exclusão social. Primeiramente, o conceito de exclusão pode ser associado a todo um processo dinâmico e processual, envolvendo todo um conjunto de dimensões, desde: perda de emprego; atividades desviantes; rutura familiar; características de mercado e perda de direitos (Paugam, 1996 citado por Oliveira, 2011).

Dado o exposto, podemos retroceder ao processo de exclusão social. Enquanto indivíduo que opta pelo caminho do trabalho sexual, este encontra-se sujeito ao estigma imposto pela sociedade, por consequente também a uma extensa vulnerabilidade social, ou seja, neste caso o trabalhador sexual acaba por ser excluído, não beneficiando de igual forma de um determinado conjunto de direitos básicos, como: direitos cívicos, sociais e culturais (Seshu, 2008 citado por Sacramento & Ribeiro, 2014), em comparação com a restante sociedade.

O impacto do estigma a que os trabalhadores sexuais se encontram sujeitos, com o tempo pode vir a evoluir e a intensificar-se à medida que estes são cada vez mais excluídos socialmente, além da falta de acesso a alguns serviços básicos (*e.g.* serviços de saúde), podem se encontrar outros efeitos negativos como: níveis elevados de *stress* e ansiedade; medo de exposição quanto à sua identidade; exaustão emocional; baixas expectativas pessoais; dificuldade em arranjar outros objetivos além do trabalho sexual e da violência a que estes se encontram expostos a nível interpessoal e institucional (Scambler, 2004; Vanwesenbeeck, 2005; Tomura, 2009; Cornish, 2006; Oliveira, 2009; Oselin, 2009; Sallmann, 2010, citado por Sacramento & Ribeiro, 2014).

Paralelamente, investigações mais recentes apontam, que, mesmo existindo uma rutura social na vida dos trabalhadores sexuais e pouca valorização, a realidade é que não tem de ocorrer necessariamente uma exclusão total. Pelo contrário, estas investigações concluem que é possível ser-se trabalhador sexual sem acontecer uma

rutura de laços, o que acontece é que a maioria destes indivíduos acaba por optar por um círculo social mais restrito (Oliveira, 2011).

Preconceito e Discriminação

A noção e a imagem que a sociedade tem sobre prostituição e a estigmatização imposta sobre os trabalhadores sexuais chega de tal forma a ser cruel, que estes acabam por sofrer preconceito e discriminação pela sociedade, e por consequência, a anteriormente referida a exclusão social.

O autor VandeBos (2010, citado por Banuth & Santos, 2016,p.766), afirma que o preconceito consiste numa “atitude negativa em relação à outra pessoa ou grupo, formada em antecipação de alguma experiência com aquela pessoa ou grupo”, e ainda a construção de juízos preconcebidos. Além disso, o preconceito pode incluir um componente afetivo, cognitivo e comportamental, consoante o conhecimento existente sobre o assunto. No entanto, o que se sucede é que tanto estas atitudes negativas e juízos preconcebidos dificilmente se alteram, mesmo com o passar do tempo ou evidências contrárias (Siqueira, Marcolino, & Santos, 2021).

O preconceito existente para com os trabalhadores sexuais e a profissão em si, relaciona-se com a crença de que o indivíduo, enquanto trabalhador sexual e principalmente mulher, encontra-se destinado a ser reconhecido e enquadrado num grupo de mulheres consideradas “más” pela própria sociedade. Estas são propagadoras da desordem, mulheres que ao seguirem este caminho decidiram abandonar a vida que é moralmente aceite pela sociedade e passam agora a ser desprezadas e consideradas impuras (Silva & Cappelle, 2015).

A sociedade desde há muito tempo transmite toda uma imagem e ideia à volta desta, de que enquanto trabalhadores sexuais somos indivíduos desviantes que não seguem as expectativas impostas, alguém em quem não se pode confiar (Silva & Cappelle, 2015). Desta forma, decide-se abandonar o papel tradicional que a própria sociedade julga ser o futuro enquanto mulher (*e.g.* “boa” mulher, esposa, possivelmente futura mãe, dedicação à família).

Atualmente, a presença da prostituição no nosso quotidiano é bastante notória, cada vez mais investigações são realizadas junto desta população, não só com um

objetivo claro de um maior entendimento, mas também de forma a desmistificar estigmas e ideias equivocadas.

No entanto, a realidade é que ainda podemos encontrar bastante presente a visão de que ser trabalhador sexual é errado, é contra as expectativas sociais, o que resulta num aumento do preconceito para com esta população.

Consequentemente, podemos adicionar a todo o estigma e preconceito que os trabalhadores do sexo experienciam, a presença da discriminação. Caracteristicamente, a discriminação corresponde a uma atitude preconceituosa, um tratamento distinto, até mesmo negativo para com um único indivíduo ou um grupo de indivíduos (Siqueira, Marcelino, & Santos, 2021), com base em questões de raça, cor, sexo, nacionalidade, orientação sexual, origem, situação económica, natureza do trabalho entre outros aspetos sociais (*e.g.* situação ou característica).

A presença da discriminação na vida dos trabalhadores do sexo pode vir a associar-se a um aumento futuro de experiências de rejeição entre outros impedimentos. Estas além de diminuírem a qualidade de vida desta população, podem vir ainda a originar problemas de saúde a nível físico e mental.

Desta forma, importa ainda referir que uma ação discriminatória deriva sempre do preconceito existente. A discriminação tal como o preconceito é uma constante presente na vida desta população, proveniente do carácter imoral que é atribuído ao trabalho sexual e principalmente à prostituição (Silva & Cappelle, 2015).

Violência

É indiscutível que, tanto o preconceito quanto a discriminação são reflexos da violência a que os trabalhadores do sexo se encontram sujeitos, tanto nas relações pessoais como profissionais. Perante esta questão de violência, podemos adicionar diversas situações de vulnerabilidade social, insegurança, desvalorização, baixa autoestima, experienciar e sujeitar-se a comportamentos violentos (*e.g.* físico, moral, sexual e psicológico), além de possíveis condições de vida impróprias (Marques & Costa, 2014).

Segundo Moreira e Monteiro (2012), o facto de o trabalho sexual ser uma atividade ilícita e reprovável a níveis morais, resulta num aumento de exposição a situações de violência e humilhação, particularmente no seu ambiente de trabalho (*e.g.*

contexto de rua). Assim, importa mencionar, quanto ao risco presente durante os momentos de intimidade com os clientes, particularmente, o de contrair doenças sexualmente transmissíveis, por vezes é durante estes momentos que os clientes recusam a utilização do preservativo contra a vontade do trabalhador do sexo. Durante os momentos de intimidade é quando estes trabalhadores se encontram mais vulneráveis, alvos fáceis perante homens abusadores e violentos (Silva & Cappelle, 2015).

Devido à atividade ser ilegal, os crimes cometidos e todo o tipo de atos violentos contra esta população são considerados banais perante a sociedade, o que não disponibiliza nenhum tipo de segurança durante a prática da atividade (Silva & Cappelle, 2015).

Por último, podemos concluir que independentemente do ponto histórico em que nos encontramos, a temática do trabalho sexual vai estar continuamente associada a estigma, preconceito, discriminação, violência e injustiças, visto que mudar as crenças de uma sociedade quando estas se encontram estabelecidas profundamente na sua cultura não é algo que se concretize num curto período.

Verifica-se assim uma necessidade em aplicar medidas, não só junto dos trabalhadores do sexo, mas principalmente de uma forma geral para com a sociedade, incidindo sobretudo sobre o estigma estabelecido a respeito desta população. Segundo Corrigan (2006, citado por Leão & Lussi, 2021), devemos aplicar estratégias anti estigma, como: a Educação “como abordagem para desmistificar o sofrimento psíquico atrelado a periculosidade, incompetência e outros estereótipos negativos” (*e.g.* serviço mediado no território) (p.2), mas também numa vertente direcionada para a saúde, envolvendo intervenções de carácter formativo, integração de processos cognitivos e comportamentais, informar sobre a importância da adoção de comportamentos e estilos de vida saudáveis (Queiroz, 2011); e o contacto junto da população trabalhadora do sexo, “essencial para diminuir o preconceito e com isso possibilitar que o sujeito se sinta incluído na sociedade de maneira integral” (Corrigan, 2006, citado por Leão & Lussi, 2021, p.2).

Vivência Corporal

Como mencionado anteriormente, a presente investigação pretende centrar-se nas vivências do corpo e da sexualidade junto da população trabalhadora do sexo, particularmente as mulheres, assim sendo, consideramos pertinente aprofundar e compreender o papel que o corpo representa no seu dia a dia pessoal e profissional.

Historicamente, podemos referir que o corpo humano sempre representou muito mais do que apenas um meio de sobrevivência, este também era considerado uma forma de expressão e interação. Mas com o passar do tempo e as mudanças sociais, novas perspectivas surgiram, verificou-se uma mudança na visão e no tratamento do mesmo, uma depreciação do corpo humano e do que este representava, especialmente o corpo feminino (Ferreira, 2010). Assim sendo, surgiu uma divisão na sociedade, entre os indivíduos que são orientados pela rigidez moral e pelo que acreditam ser pecado; e aqueles que apreciavam e admiravam a beleza natural do corpo humano (Ferreira, 2010).

O autor Merleau-Ponty (1999, citado por Ferreira, 2010), refere que o corpo humano representa o meio de comunicação entre a nossa consciência e o mundo, uma ponte de acesso. Para este autor o corpo do ser humano é a condição e a base para a existência, o resultado da percepção que temos sobre o mundo, mas também da forma como este se encontra estabelecido.

A partir do momento que o ser humano nasce, o corpo mostra-se capaz de proporcionar as mais variadas sensações, tornando-se condutor no estabelecimento de relações e interações com outros indivíduos (Mendes & Nóbrega, 2004). Posto isto, podemos referir que o corpo humano começa a construir a sua própria história a partir do primeiro momento de vida, posteriormente, conforme as experiências de vida e o ambiente envolvente a sua estrutura vai se modificando, além disso o “corpo humano possui a mesma organização dos seres vivos, porém, com estrutura diferente, vai adquirindo originalidade à medida que vai interagindo com o entorno” (Mendes & Nóbrega, 2004, p.129).

Desta forma, sabemos que o corpo se vai modificando e reorganizando de acordo com as diversas interações entre o meio, as pessoas e a própria sociedade em que este se encontra, o indivíduo não só influencia como também é influenciado. Posteriormente, destacamos que cada gesto e comportamento ganham um novo significado perante as interações e experiências que vão ocorrendo na vida do indivíduo

“é através desses gestos que somos capazes de expressar muitos desses símbolos e esconder outros, formando, portanto, a linguagem do corpo”, além disto é através da capacidade de se renovar que “cada corpo vai adquirindo percepções de acordo com o mundo que lhe é específico” (Mendes & Nóbrega, 2004, p.129).

Assim, considerando a população-alvo do nosso estudo, interpreta-se que o corpo constitua um todo para os trabalhadores do sexo, enquadrando-se em todos os aspectos da sua vida, tanto a nível pessoal como profissional.

Desta forma, enquanto trabalhadores do sexo, o corpo representa para estes um possível recurso de sobrevivência (Raymond, 2003 citado por Pasini, 2005). É a partir das suas vivências, que a população mencionada reorganiza e modifica as suas relações e comportamentos tanto fora como dentro da prática do trabalho sexual. São através das relações estabelecidas, as experiências com o próprio corpo e significado atribuído às mesmas que os trabalhadores do sexo tentam descobrir e estabelecer uma divisão entre dois mundos (profissional e pessoal), estipulando regras, limites físicos, barreiras emocionais ao mesmo tempo que se encontram expostos na sua forma mais vulnerável (Pasini, 2011).

Limites Corporais

No que se refere às vivências corporais, podemos referir que no âmbito da prática do trabalho sexual o corpo não só representa uma fonte de prazer, mas também de trabalho (Araújo & Silva, 2017). Neste sentido, o ato sexual praticado com o cliente numa relação profissional, difere do sexo praticado numa relação afetivo-amorosa.

Deste modo, quando falamos do ato sexual com clientes, podemos referir que estes exigem do indivíduo enquanto trabalhador do sexo toda uma transposição de barreiras morais e corporais, além de suscitar todo um conjunto de emoções (*e.g.* nojo, repugnância) (Araújo & Silva, 2017). Através de diversas investigações verifica-se que a população trabalhadora do sexo recorre a um conjunto distinto de estratégias e regras relativas ao corpo, que permitem uma delimitação distinta entre o mundo profissional e pessoal (Pasini, 2000).

Neste seguimento, referenciamos não só o recurso a todo um conjunto de estratégias, mas principalmente a imposição e/ou negociação de determinados limites simbólicos durante as relações comerciais, clarificando assim o que é permitido ou não

no ato sexual com o cliente. Esta imposição de limites não só comportamentais, mas também emocionais tem como intuito diferenciar as relações profissionais (*e.g.* clientes), das afetivas (*e.g.* parceiros pessoais), salvaguardando assim a identidade do indivíduo (Pasini, 2000).

De acordo com Moraes (1995, citado por Pasini, 2000), um trabalhador do sexo não vivencia o trabalho sexual a tempo inteiro, assim compete ao indivíduo salientar uma fronteira entre as suas duas vidas. O autor ainda refere que a única forma de vivenciar a vida num todo, ou seja, dentro e fora do mundo do trabalho sexual é aplicando limites e determinados cuidados com o corpo.

Posto isto, é importante enunciarmos alguns cuidados e limites simbólicos com maior significado para os trabalhadores do sexo, aquelas barreiras que representam e estabelecem uma maior divisão entre as relações sociais (*e.g.* afetivas e profissionais), e que se encontram presentes especialmente durante a prática sexual com os clientes (Pasini, 2000).

Logo, podemos referir alguns limites e atitudes importantes, como: o uso do preservativo masculino como método de prevenção contra infecções ao mesmo tempo que reforça o profissionalismo e previne o afeto ou qualquer outro tipo de sentimentalismo; evitar determinados carinhos e certas partes do corpo (*e.g.* beijar na boca) assim como algumas práticas sexuais (*e.g.* sexo anal); uma minuciosa higienização; evitar sentir prazer, dormir com o cliente e ainda qualquer tipo de envolvimento afetivo com o mesmo. Podemos, então, afirmar que a maioria das práticas e dos limites supracitados são evitados durante o ato sexual com os clientes e colocados em ação exclusivamente com os parceiros com vínculos afetivos (Araújo & Silva, 2017).

Por último, podemos ressaltar que o trabalhador do sexo expressa autonomia e controlo profissional ao estabelecer todo um conjunto de limites simbólicos e regras. Além de demonstrar capacidade de distinguir um cliente de um não cliente, este é capaz de controlar o seu próprio corpo e as suas próprias emoções.

Sexualidade

Em seguimento, do aprofundamento do papel do corpo na vida da população trabalhadora do sexo, torna-se relevante mencionarmos também a importância da sexualidade, sendo esta um fenômeno intrínseco ao corpo humano.

Enquanto indivíduos que possuem uma vida sexualmente ativa, torna-se importante e necessário o acesso a condições, cuidados essenciais e informações significativas relativamente à sexualidade. A capacidade de compreender e ser consciente dos riscos da tomada de comportamentos inconscientes. Assim, existe a necessidade de um ambiente seguro, que seja capaz de promover o próprio bem-estar, bem como uma saúde sexual segura, consciente e com qualidade (WHO, 2015).

Da mesma forma, a qualidade da saúde sexual “exige uma abordagem positiva e respeitosa no que tange a sexualidade e relacionamentos sexuais, assim como a possibilidade de ter experiências sexuais seguras e prazerosas, sem coerção, discriminação e violência” (WHO, 2015, p.5).

No que se refere à sexualidade, esta pode ser definida como “uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual” (OMS, 1992 citado por Associação para o Planeamento da Família, 2022, p.1), além da capacidade para influenciar pensamentos e ações.

Consequentemente, devido ao estigma imposto sobre a mulher podemos observar no decorrer da história uma constante tentativa de controlo sobre a sua sexualidade. A tentativa de subjugação e dominação sobre o corpo resultou no roubo da sexualidade, impedindo a mulher de vivenciar a sua própria sexualidade (Perrot, 2007, citado por Silva & Cappelle, 2015).

A busca da mulher pela autonomia, principalmente no que diz respeito à normalização e controlo pessoal da sua própria sexualidade (Villela & Monteiro, 2015) veio mais tarde a intervir na prostituição, influenciando o acesso aos direitos que outrora lhe eram negados (*e.g.* direito de vivenciar o sexo) (Silva & Cappelle, 2015), o abandono da noção de submissa e a rejeição do controlo social.

A sexualidade do indivíduo encontra-se assim exposta em diversos comportamentos e expressões (*e.g.* fantasias, desejos, práticas, relacionamentos, atitudes, crenças entre outros), representando assim um aspecto significativo na sua vida, identidade e equilíbrio (WHO, 2015). Enquanto trabalhadores sexuais, a qualidade e

segurança da saúde sexual constitui uma parte significativa na qualidade de vida, desta forma, para que esta se possa atingir é necessário respeitar, proteger e salvaguardar os direitos sexuais.

Como mencionamos anteriormente, trabalhadores do sexo encontram-se expostos a perigos como: agressões, violação, roubo, contração de infeções, discriminação, exploração (Rekart, 2005, citado por Coutinho & Oliveira, 2014), além da possível adoção de comportamentos de risco (*e.g.* comportamentos sexuais de forma desprotegida e consumo de substâncias). Deste modo, é de tamanha importância que indivíduos com uma vida sexual ativa, principalmente trabalhadores do sexo que exercem a sua sexualidade como um trabalho remunerado, estejam conscientes dos riscos da atividade na sua qualidade de vida (Villela & Monteiro, 2015).

Por último, é significativo reforçarmos a necessidade e importância da promoção da saúde, a disponibilização de mais serviços sociais, de saúde e de informação, a prevenção de violência e exploração, a sensibilização pelos comportamentos preventivos, o respeito e consciencialização pelos direitos de cada indivíduo, cuidados básicos, a disponibilização de apoio psicossocial, entre outros tipos de apoio (Coutinho & Oliveira, 2014), tudo de forma a ser possível alcançar uma redução de riscos e atingir o bem-estar e a qualidade de vida essencial e que muitas vezes se encontra em falta ou até mesmo negada à população trabalhadora do sexo devido ao estigma exposto pela sociedade.

Vivência Emocional

Em virtude do que foi mencionado anteriormente, verifica-se pertinente explorarmos o lado emocional do trabalho sexual e o quanto impactante este pode ser na qualidade de vida do trabalhador do sexo.

Neste seguimento, podemos referir que a prática do trabalho sexual, mais especificamente a prostituição envolve intimidade não só corporal, sexual, mas também emocional (França, 2015), o que acaba por permitir um certo estado total de vulnerabilidade, expondo assim o trabalhador a diversas consequências, como: violência física e sexual, impacto na saúde mental (*e.g.* stress, vergonha, depressão), entre outros aspectos relativos ao bem-estar físico (*e.g.* infeções, abuso de substâncias) (Harris, Nilan, & Kirby, 2011).

Posto isto, considera-se que cada interação ou experiência assim como o significado atribuído a estas, dependem e afetam cada indivíduo de forma diferente. Assim podemos referir, que mesmo que se estipule determinados limites e se recorra a todo um conjunto de estratégias, a realidade é que a fronteira estabelecida entre o mundo profissional e o pessoal, nem sempre é intransitável. A prática do trabalho sexual além de requerer uma rápida e racional adoção de comportamento com base na situação, também envolve um constante controlo e modificação de sentimentos (França, 2015) que nem sempre é realizável devido ao trabalho emocional sucessivo e minucioso que é necessário.

Segundo Hochschild (1979), o trabalho emocional refere-se ao “ato de tentar mudar em grau ou qualidade uma emoção ou sentimento” (p.561). Ainda neste sentido, podemos assumir que o trabalho emocional deve-se realizar em qualquer contexto social, tanto pessoal quanto profissional. Em contexto profissional, muitas vezes ocorrem certas interações até mesmo situações pouco compreensivas e simpáticas, que exigem do trabalhador determinado distanciamento e esforço, recorrendo posteriormente a uma negociação que tenha em conta a satisfação do cliente (Jeantet, 2003, citado por França, 2015).

Desta forma, podemos salientar que o trabalho emocional exige muito mais foco e esforço sempre que os sentimentos do indivíduo não se encontram de acordo com a situação (Hochschild, 1979). Assim sendo, é importante reforçar o estabelecimento de algumas regras (*e.g.* distanciamento) na vida profissional do indivíduo ao mesmo tempo que adicionamos todo um trabalho emocional contínuo e prévio de forma a ser possível

obter toda uma estrutura emocional estável e de acordo com a situação que se experienciam no momento (Hochschild, 1979).

No caso do trabalho sexual, a prática deste implica a experiência e interação a nível íntimo com um número elevado de pessoas, todas bastante diferentes o que nem sempre proporciona as situações mais agradáveis, muito menos o distanciamento emocional necessário ao mesmo tempo que se mantém a intimidade com o cliente (França, 2015).

Assim, a prática do trabalho sexual encontra-se associada a um aumento de stress emocional e outras implicações na saúde do trabalhador (Rickard, 1998, citado por Sanders, 2004). Paralelamente, Sanders (2004), defende que os indivíduos que praticam trabalho sexual demonstram uma preocupação significativa no que diz respeito à prevenção de riscos emocionais em comparação a outros riscos de saúde ou até mesmo violência. A realidade é que os trabalhadores do sexo sentem que têm um maior controlo sobre riscos de saúde física e violência relativamente aos riscos emocionais que não conseguem possivelmente prevenir e que podem vir a gerar um sofrimento irreparável.

Segundo Sanders (2004), existem diversas formas que contribuem para o impacto negativo da prática do trabalho sexual a nível emocional, mas as principais centram-se na prática de sexo tanto em contexto de trabalho como em contexto de prazer e as implicações emocionais que daí resultam, o constante medo e risco de exposição e revelação da sua identidade enquanto trabalhadora do sexo e, por fim, a probabilidade das estratégias de gestão e trabalho emocional falharem.

Em jeito de conclusão, podemos compreender que o bem-estar emocional representa uma maior preocupação para os trabalhadores do sexo devido à falta de controlo que sentem para com possíveis consequências emocionais em comparação a outro tipo de consequências (*e.g.* físicas) que vem com a prática do trabalho sexual. No entanto, importa referir que na prática do trabalho sexual os trabalhadores devem considerar tanto a probabilidade de risco quanto a gravidade das possíveis consequências desse mesmo risco. Posto isto, verifica-se cada vez mais a necessidade dos trabalhadores do sexo em prevenir, estar alerta, ou seja, tomar consciência ao mesmo tempo que estes desenvolvem pensamento e planeamento estratégico (*e.g.* adopção de regras e códigos de conduta) relativamente a riscos emocionais, risco de violência e riscos de saúde e bem-estar (Sanders, 2004).

II. Metodologia

Para uma maior compreensão e aprofundamento do tema a ser investigado é importante e necessário uma escolha adequada do método de investigação a utilizar, não só de forma a entender o rumo que a investigação pretende tomar, os objetivos que esta pretende alcançar, mas também pelo procedimento e resultado da recolha de dados junto da amostra populacional.

Desta forma, optou-se por uma investigação de natureza exploratória. Investigações com natureza exploratória advém da necessidade de maior exploração e esclarecimento, uma aproximação do tema em questão. Estas têm como objetivo a modificação de conceitos e ideias, a formulação de novos problemas e a procura de novas respostas (Gil, 2008).

Assim sendo, a utilização da metodologia qualitativa apresenta ser a opção mais indicada para o estudo e os objetivos a que este se propõe.

Métodos qualitativos caracterizam-se por investigar temas e fenômenos na sua forma mais complexa e natural, privilegiando-se o contacto direto com os sujeitos num contexto mais frequente, e ainda uma compreensão dos comportamentos dos mesmos a partir do seu próprio ponto de vista (Bogdan & Biklen, 1994). Além disso, a utilização de métodos qualitativos permite a recolha de informação e dados enriquecidos em detalhes descritivos.

O fato deste método apresentar um carácter flexível e recorrer a questões abertas na abordagem junto dos sujeitos, permite a recolha de respostas e opiniões espontâneas e da perspetiva pessoal, sem a necessidade de ajustamento por parte dos sujeitos a perguntas estruturadas (Bogdan & Biklen, 1994).

Segundo Bogdan & Biklen (1994), a metodologia qualitativa pode assumir diversas formas, ser conduzida em múltiplos contextos, e ainda ser capaz de utilizar diversas estratégias, mesmo que estas partilhem determinadas características.

Participantes

Os dados foram recolhidos junto de uma amostra constituída por um total de oito participantes. A faixa etária dos participantes variava entre os 26 e os 64 anos. Todos os oito participantes se identificavam com o gênero feminino. Duas eram de nacionalidade portuguesa, quatro de nacionalidade brasileira e duas de nacionalidade moçambicana. No que diz respeito à orientação sexual, todas estas afirmaram ser heterossexuais. Relativamente às habilitações literárias havia um pouco de tudo, uma das participantes não tinha quaisquer habilitações literárias, duas tinham o 1º ciclo, uma o 2º ciclo, uma o 3º ciclo, uma o ensino secundário, e por último duas tinham a licenciatura. Importa ainda referir, que todas as participantes eram trabalhadoras do sexo a tempo inteiro, à exceção de um caso, no qual a participante mantinha um outro emprego simultaneamente com o trabalho sexual. Em relação ao estado civil atual, três das participantes referiram ser divorciadas, duas encontravam-se solteiras, duas viúvas, e ainda uma das participantes referiu ser casada. Portanto, destas oito participantes, seis referiram já ter estado num relacionamento amoroso em simultâneo com a prática do trabalho sexual, sendo que duas mantêm esse mesmo relacionamento amoroso atualmente. Dentro do respetivo grupo de participantes foi ainda possível perceber diferentes contextos de atuação do trabalho sexual, incluindo duas trabalhadoras do sexo em contexto de exterior e seis trabalhadoras do sexo em contexto de interior. Quanto à área de residência, sabe-se que pelo menos duas das participantes, neste caso as que trabalham em contexto exterior residem e simultaneamente trabalham na mesma zona, isto quer dizer que vivem com familiares e trabalham posteriormente na rua, já em contexto de interior algumas mencionaram viver sozinhas mudando constantemente de zona devido à atividade que desenvolvem, a maioria ainda referiu viver com colegas de profissão em casas/apartamentos sempre que mudam de zona devido à atividade, ou seja não têm uma residência fixa e, por fim uma das participantes mencionou que quando está em trabalho partilha casa com colegas de profissão, mas que posteriormente volta para a residência que partilha com o parceiro amoroso. Por último, foi possível ficarmos a saber que pelo menos sete das participantes têm mais do que um único filho e que apenas uma destas referiu não ter, sendo que todas as participantes já tinham filhos antes de entrar na atividade.

Posto isto, apresentamos agora de forma mais complementar um pequeno registo individual dos dados sociodemográficos de cada uma dos participantes da amostra.

Participante A (PA)

Participante A, com idade na casa dos 40 anos, sexo feminino e de nacionalidade brasileira. A participante possui habilitações literárias de 8º ano. Além de trabalhar na atividade sexual, a mesma referiu ainda trabalhar de momento no ramo imobiliário. Na entrevista, mencionou que é divorciada e que atualmente não se encontra em nenhum outro tipo de relacionamento, mas que ao longo dos anos de trabalho na atividade já desenvolveu algumas relações pessoais, sendo que sempre que uma nova relação amorosa se iniciava interrompia o seu trabalho na atividade. No que diz respeito à questão dos filhos, referiu ter dois filhos, uma menina e um menino, ambos de pais diferentes. Vive já há alguns anos em Portugal, residindo por norma em dois locais diferentes, alternando o local de acordo com o tempo e a necessidade, mais propriamente entre a vida pessoal, isto quanto vive junto aos filhos e a vida profissional, quanto tem de ir trabalhar na atividade partilhando a casa com outros colegas. Por fim, acrescentou que é trabalhadora do sexo já há quatro anos e sempre em contexto de interior.

Participante B (PB)

Participante B, com idade na casa dos 60 anos, sexo feminino e de nacionalidade portuguesa. A participante não possui quaisquer habilitações académicas, é analfabeta, e ainda afirmou não ter qualquer outra ocupação profissional além do trabalho sexual a tempo inteiro. Durante a entrevista, a participante referiu que atualmente é solteira e ao longo dos anos na atividade nunca desenvolveu qualquer tipo de relacionamento. Em relação à questão dos filhos, afirmou ter dois filhos. Além disso, vive com uma irmã e como trabalhou na atividade sempre em contexto de rua nunca necessitou de outro local de residência, nem mesmo para trabalhar com os clientes.

Participante C (PC)

Participante C, com idade na casa dos 30 anos, sexo feminino e de nacionalidade moçambicana. A participante em termos de habilitações literárias possui o 10º ano de escolaridade, não dispondo de qualquer outra profissão paralela sendo que o trabalho sexual é profissão a tempo inteiro. Esta ainda referiu que é divorciada e que de momento se encontra solteira, sendo que já teve alguns relacionamentos desde que

ingressou no ramo do trabalho sexual. Vive atualmente sozinha em Portugal e foi cá que iniciou a prática do trabalho sexual. É significativa mencionar que é trabalhadora do sexo em contexto de interior faz 3 anos e que vive e trabalha no mesmo local. Quanto à questão dos filhos, afirmou ter dois, sendo que estes vivem em Moçambique com a restante família.

Participante D (PD)

Participante D, com idade na casa dos 60 anos, sexo feminino e de nacionalidade portuguesa. A participante possui o 4º ano de escolaridade. É reformada, sendo o trabalho sexual a sua única ocupação, referindo ainda que de momento a prática sexual só acontece com determinados clientes, especificamente aqueles que já são regulares e conhecidos a algum tempo. Na entrevista referiu que é viúva e tem seis filhos, e que de momento mora na mesma casa com a filha mais nova. Ainda salientou que vive e trabalha na mesma região. Por último, referiu que está no ramo do trabalho sexual faz 22 anos e sempre em contexto de rua.

Participante E (PE)

Participante E, com idade na casa dos 40 anos, sexo feminino e de nacionalidade brasileira. A participante possui o 5º ano de escolaridade. Além do trabalho sexual a tempo inteiro não possui qualquer outro trabalho ou fonte de rendimento. De momento encontra-se solteira, mas tem três filhos, apesar de não viver com estes. Vive atualmente em Portugal, e divide casa com colegas de trabalho. Por fim, afirmou ser trabalhadora do sexo há cinco anos e sempre em contexto de interior.

Participante F (PF)

Participante F, com idade na casa dos 40 anos, sexo feminino e de nacionalidade moçambicana. Na entrevista a participante referiu ser licenciada, mas não possuir trabalho algum na sua área de formação, portanto atualmente ser trabalhadora do sexo é a sua única forma de obter um rendimento considerável e urgentemente poder economizar algum de parte. É viúva, mas de momento encontra-se numa relação à distância, referindo ainda que o parceiro atual desconhece a presença do trabalho sexual na sua vida. Atualmente mora em Portugal, partilhando casa com colegas de trabalho. Tem dois filhos, sendo que estes encontram-se em Moçambique assim como a restante

família. Por último, mencionou que o trabalho sexual começou há pouco mais de um ano e sempre em contexto de interior.

Participante G (PG)

Participante G, com idade na casa dos 20 anos, sexo feminino e de nacionalidade brasileira. Possui o 12º ano de escolaridade e neste momento além do trabalho sexual não dispõe de qualquer outra fonte de rendimento. Atualmente é casada e afirma que o seu parceiro tem total conhecimento da prática do trabalho sexual na sua vida. Vive em Portugal há pouco tempo e desde que iniciou o trabalho sexual, divide o seu tempo entre o trabalho e o parceiro, ou seja, quando está com o parceiro partilha casa com este, quando está a trabalhar partilha casa com colegas de trabalho. Em relação aos filhos não tem, mas pensa ter num futuro próximo. Trabalha neste ramo há pouco mais de um ano e sempre em contexto de interior.

Participante H (PH)

Participante H, com idade na casa dos 40 anos, sexo feminino e de nacionalidade brasileira. Na entrevista, a participante referiu ter concluído uma licenciatura em biomedicina, bem como uma pós-graduação em estética avançada. Neste seguimento, referiu que além do trabalho sexual, dispõe de um trabalho como esteticista, não sendo o trabalho sexual a sua única fonte de rendimento. Atualmente encontra-se divorciada e com três filhos independentes. Vive em Portugal sozinha e foi cá que iniciou o trabalho sexual. Ainda salientou que costuma se deslocar em trabalho e que já desenvolveu alguns relacionamentos desde que iniciou o trabalho sexual. Por fim, é de referir que iniciou a atividade sexual há pouco mais de um ano e sempre em contexto de interior.

Instrumentos e forma de Recolha de Dados

O método de recolha de dados selecionado para a investigação foi a condução de entrevistas semiestruturadas com os oito participantes da amostra.

No que se refere à entrevista, começou-se por elaborar um guião orientador (Anexo II) que permitisse a esta seguir uma estrutura lógica, mas principalmente que permitisse aos participantes explorar as respostas.

O guião orientador da entrevista era composto por diversas questões significativas ao objetivo do estudo. Antes de iniciarmos as entrevistas, pedimos aos participantes que respondessem a algumas questões sociodemográficas (*e.g.* idade; nacionalidade; habilitações literárias; estado civil; entre outros dados). Posto isto, as questões foram agrupadas em cinco secções.

A primeira secção correspondia a questões relativas ao percurso do participante na atividade, pretendemos assim que os participantes contassem um pouco sobre o momento em que entraram na atividade sexual, como é fazer parte de toda essa atividade e o que esta significa para cada participante, além do impacto que tem na vida de cada um.

De seguida, optámos por abordar questões relacionadas à vivência corporal dos participantes, visto estas corresponderem à principal temática do nosso estudo, com estas questões pretendíamos que os participantes descrevessem as experiências sexuais vividas dentro e fora da atividade do trabalho sexual, e de que forma essas experiências afetam a forma como os participantes se sentem, vêm no próprio corpo e até mesmo a sua saúde.

Numa outra parte da entrevista, procurámos conhecer um pouco sobre cada um dos participantes e os sistemas de desenvolvimentos, neste caso a família e a informação a que estes têm acesso, ou seja, como é a partilha de informação entre os participantes que fazem trabalho sexual para com a família e parceiros amorosos.

Por fim, numa última parte da entrevista foi solicitado aos participantes falarem um pouco em relação ao seu futuro, quais os seus ideais, os seus objetivos, as perspetivas e expectativas.

Procedimentos

A recolha de dados decorreu entre janeiro e maio de 2022, através da realização de uma entrevista semiestruturada. Os critérios de inclusão eram pertencer ao sexo feminino e ser trabalhador do sexo. Os critérios de exclusão não existiam.

Através de pedidos de colaboração com psicólogos e técnicos de projetos que intervêm junto de trabalhadores do sexo, nomeadamente profissionais que trabalham na Associação Existências, local esse em que se realizou o estágio curricular e o qual que possibilitou o contacto com a nomeada população, e ainda o encontro de participantes que se inserissem nos critérios mencionados.

Primeiramente, depois de identificado e estabelecido um contacto presencial com cada um dos potenciais participantes, procedeu-se posteriormente às entrevistas. Algumas destas ocorreram logo num primeiro contacto com os participantes, enquanto as restantes passaram pelo agendamento de um dia que fosse benéfico tanto para o entrevistador como para o entrevistado.

Importa referir ainda, que devido ao público-alvo do estudo, houve alguma dificuldade no acesso a participantes que demonstrassem disponibilidade e confiança para participar, principalmente devido ao receio de exposição.

Desta forma, foram estabelecidos um total de oito contactos. Cada um dos participantes aceitou voluntariamente participar no estudo, tendo sido realizadas sete entrevistas presenciais, em casa de cada um dos respetivos participantes ou em locais convenientes tanto para o entrevistador como para o entrevistado, por fim ainda foi realizada uma entrevista por chamada telefónica.

A realização da entrevista durava aproximadamente 60 minutos, antes de se iniciar a mesma era realizada uma pequena introdução sobre o tema e objetivo do estudo, bem como o esclarecimento de possíveis dúvidas, ainda era disponibilizado um documento de consentimento informado (Anexo I), o qual o participante declara que aceitava participar no estudo. Nesse mesmo documento encontrava-se descrita toda a origem e finalidade do estudo, além do seu carácter voluntário, anónimo e confidencial, reforçando a utilização dos dados obtidos única e exclusivamente para a investigação. É de referir, que nesse mesmo documento era solicitada a autorização do participante para que a entrevista fosse gravada meramente em formato áudio, permitindo assim uma posterior transcrição. No fim de cada entrevista, era realizado um pequeno agradecimento especial pela disponibilidade do participante no estudo.

Após todo o processo de recolha de dados, procedemos à transcrição de cada uma das entrevistas, mas visto que estas não foram devolvidas aos participantes não foi possível obter a sua validação.

Análise e Tratamento de Dados

No que diz respeito ao tratamento de dados, iniciou-se por uma transcrição total das entrevistas realizadas, seguindo-se de uma análise de conteúdo categorial dos mesmos dados. Segundo Bardin (1988), análise de conteúdo corresponde tanto à ultrapassagem da incerteza daquilo que o indivíduo pensa ver e acredita estar ou não presente na mensagem quanto ao enriquecimento da leitura através da descoberta e compreensão de novos conteúdos.

Neste seguimento, o mesmo autor refere que o recurso à análise de conteúdo tem como finalidade ir além de uma primeira leitura e impressão, pretende-se obter novas perspectivas e significados, assim como novas informações e compreensões (Bardin, 1988).

Posto isto, é fundamental referir que a utilização da análise de conteúdo pressupõe determinadas etapas fundamentais ao processo de análise, nomeadamente: a pré-análise; a exploração de material; e por fim o tratamento e interpretação dos resultados obtidos (Câmara, 2013).

Assim, seguindo os princípios da análise de conteúdo propostos por Bardin (1988), iniciámos com o estabelecimento do corpus de pesquisa, o que na presente investigação correspondeu à totalidade de entrevistas transcritas.

Posteriormente, prosseguimos com uma análise de informação, mais precisamente uma leitura flutuante do material definido a analisar. Segundo Bardin (1988), a fase da leitura flutuante permite um primeiro contacto com o material em análise, assim como uma crescente familiarização, seleção e por fim, uma maior facilidade de organização desses mesmos dados. Quanto aos elementos do texto a considerar, a unidade de registo selecionada foi o tema, enquanto a unidade de contexto escolhida foi as entrevistas transcritas.

No que diz respeito à leitura flutuante, importa ainda mencionarmos que esta teve por base não só toda uma revisão bibliográfica, mas essencialmente o objetivo da investigação. Como resultado da exploração de material recolhido, o próximo passo

traduziu-se na definição de um sistema de categorias (Bardin, 2011 citado por Santos, 2012). o que resultou num processo de codificação de dados misto, ou seja, o processo de codificação não só apresenta categorias dedutivas, como também categorias indutivas (Patton, 2001, citado por Brandão, 2010).

Desta forma, podemos referir que categorias dedutivas surgem quando o investigador pretende analisar dados de acordo com um quadro de referência já previamente definido (Patton, 2002, citado por Brandão, 2010). No caso da presente investigação as categorias dedutivas surgiram de acordo com a informação adquirida através da revisão de literatura realizada. Paralelamente, as categorias indutivas surgem da leitura de dados, ou seja, o investigador não tem algo pré-estabelecido, assim as categorias vão surgir de dados e pontos considerados pertinentes para a pesquisa (Patton, 2002, citado por Brandão, 2010). Desta forma, na presente investigação as categorias indutivas surgem a partir da informação adquirida com as entrevistas realizadas.

Por fim, é importante referirmos que da análise elaborada obteve-se um total de 36 categorias, que se dividem em outras 123 subcategorias (Anexo III).

III. Apresentação e Discussão dos Resultados

No terceiro capítulo, pretendemos expor os resultados obtidos no estudo, ao mesmo tempo que realizamos uma discussão dos mesmos, em articulação com a informação adquirida através da revisão da literatura.

Neste sentido, de forma obter uma apresentação de dados mais enriquecida, optámos pela utilização de alguns segmentos das transcrições de entrevistas realizadas, privilegiando assim a perspectiva do participante e o significado que estes atribuem às suas vivências enquanto trabalhadores do sexo.

Em suma, o presente capítulo divide-se em seis temas: características dos indivíduos que realizam a prática do trabalho sexual, motivações que levam à prática do trabalho sexual, reação social e as implicações do trabalho sexual na vida do trabalhador do sexo, relações interpessoais, vivência corporal e emocional e por último, consequências das vivências na atividade.

Características relativas à prática do trabalho sexual

Segundo os dados recolhidos através da investigação com trabalhadores do sexo, podemos referir que esta população aparenta ser bastante heterogénea.

Os resultados demonstram que a população supramencionada caracteriza-se por ser principalmente feminina. Ao nível da faixa etária, observou-se um leque bastante abrangente, desde mulheres bastante novas a outras com idade mais avançada, sendo que, a maioria destas possuem diferentes nacionalidades. Ainda neste seguimento, torna-se pertinente referir que estas mulheres possuem níveis de escolaridade bastante diversificados, desde nenhuma escolaridade até uma licenciatura, o que acaba por nos ajudar a compreender e até mesmo contradizer a associação de que baixos níveis de escolaridade e inaptidão profissional explicam ou contribuem sempre para a decisão de entrar no mundo do trabalho sexual.

Quando começam a prática do trabalho sexual, uma parte destas mulheres tende a deslocar-se para outras cidades e regiões do país onde o trabalho sexual se encontra centrado e tem capacidade para gerar um lucro maior. Importa referir, que a maioria destas mulheres, principalmente as que praticam trabalho sexual em contexto de interior, tendem em deslocar-se durante o trabalho para regiões distantes daquela em que habitam originalmente com a família.

O deslocamento por parte das mesmas acaba por facilitar a realização do trabalho sexual, visto permitir manter a identidade acerca do seu trabalho oculta, sem julgamento especialmente por parte da família, sem consumir a própria identidade do trabalhador, além de ainda possibilitar uma maior liberdade e controlo sobre as suas escolhas de vida. Posto isto, outro ponto que se tornou importante referir foi a perspetiva das próprias trabalhadoras e o significado que estas atribuem à indústria do sexo e à realidade em que vivem.

Para alguns participantes, o trabalho sexual não significa nada mais do que um meio para atingir um fim, considerado um último recurso (e.g. PH, “*não era uma coisa que passava pela minha cabeça (...) mas aí eu me vi de uma maneira que eu faço, ou faço, então eu vim fazer*”). Assim, para estes participantes ainda que o trabalho sexual seja considerado de alguma forma perigoso, o mesmo não passa de um meio para alcançar algo que se pretende, sendo que a principal razão que se encontra associada é maioritariamente financeira. Além disso, segundo o que se conseguiu perceber através do discurso dos participantes, para estes o principal foco é apenas o propósito final, sendo que o meio com que o atingem, neste caso o trabalho sexual não lhes diz nada.

Neste seguimento, há ainda quem compreenda o trabalho sexual como uma profissão, um trabalho como outro qualquer cuja única diferença pode ser a de ganhar mais (e.g. PG, “*É um bom trabalho*”). A realidade é que as participantes mesmo não tendo uma opinião definida sobre o trabalho sexual, não acham errado e até preferem não pensar muito sobre o assunto, o que acaba por se revelar também como uma estratégia para gerir o estigma que se encontra associado à prática do trabalho sexual (e.g. PC, “*vejo como um trabalho, não sei como descrever (...), não acho algo errado, mas também concordo*”). O facto de estas não conseguirem aprofundar a caracterização sobre a temática ou definir uma opinião pode também estar relacionado com o tempo com que realizam a prática sexual, visto que a maioria das participantes se encontram inseridas neste mundo há relativamente pouco tempo (e.g. um ano e pouco de atividade).

Paralelamente, para outros participantes, a prática do trabalho sexual representa um lado negativo na sua vida (e.g. PB, “*vida que não interessa a ninguém*”), mais ainda, um lado da vida que referem com tristeza e que de certa forma desprezam (e.g. PA, “*eu tenho vergonha*”), sendo uma prática a que recorrem unicamente por

necessidade e falta de apoio financeiro (e.g. PE “*horrível, mesmo porque a gente precisa*”).

Quando questionadas sobre o seu percurso na atividade até aos dias atuais, de uma forma generalizada, as participantes dividiram as suas respostas entre duas realidades: positiva e negativa. No que diz respeito à realidade negativa da prática sexual, as participantes apontam principalmente a dificuldade que é em si de lidar com a quantidade de múltiplos parceiros sexuais que a atividade envolve (e.g. PH, “*Tem menina que atende dez por dia, eu nunca atendi nem cinco por dia (...), eu nunca atendi essa quantidade, nem quero*”). Por outro lado, numa realidade mais positiva as participantes descrevem que estes anos na atividade ainda que rodeados de alguns percalços, têm sido generosos financeiramente (e.g. PC “*Muito bons a nível económico*”), o que permite independência e estabilidade na sua vida.

Em suma, as participantes referem que o seu percurso nesta atividade é constituído por um conjunto de altos e baixos (e.g. PE, “*há momentos bons, há momentos maus, há momentos de tudo como na vida normal*”). A partir dos dados apresentados podemos concluir que a perspetiva e o significado atribuído à prática do trabalho sexual vão sempre variar consoante a experiência e a realidade vivenciada por cada participante.

Motivações que levam à prática do trabalho sexual

Através da categoria supramencionada pretendeu-se não só apresentar, mas essencialmente compreender, junto das participantes do estudo, as diversas motivações e causas que levam à entrada das mesmas no mundo do trabalho sexual, assim como as razões que as levam a continuar e quais as suas expectativas para o futuro.

Inicialmente, quando se questionou as participantes quanto à forma como estas teriam entrado no mundo do trabalho sexual, a maioria respondeu que tomou conhecimento da atividade através de outras pessoas, nomeadamente conhecidos, colegas com experiência, até mesmo parceiros amorosos (e.g. PB, “*tive um parceiro e ele é que me meteu nesta vida, eu deixei-o mas continuei a trabalhar*”), no entanto pelo menos uma participante referiu ter descoberto e ingressado autonomamente (e.g. PG, “*respondi a um anúncio para massagens, mas não era só massagens, havia massagens, mas também havia convívios, então entrei quando vi que não era massagens era programa aí eu fiquei, só para ver e fiquei*”). A partir dos dados expostos, podemos

observar a influência social que muitas vezes existe por parte de pessoas que já praticam o trabalho sexual, assim como o seu respetivo contributo junto de outros perante a tomada de decisão para iniciar a atividade, o que acaba por validar dados de outras investigações na respetiva temática (Oliveira, 2011).

No que diz respeito às motivações e causas que levam a iniciar o trabalho sexual, as participantes apontam principalmente motivos de natureza económica, o que acaba por ir ao encontro da informação fornecida através da literatura (Oliveira, 2004; Russo, 2007; Soares *et al.*, 2015). Dentro dessas motivações de natureza económica, ainda é possível apontar outros fatores como: falta de dinheiro (*e.g.* PC, “*Financeiras*”), dinheiro rápido, dívidas (*e.g.* PF, “*Precisava de dinheiro com urgência, tenho dívidas*”), ajudar a família (*e.g.* PD, “*Com quatro crianças sozinhas e não tinha o apoio de ninguém*”), quantidade elevada de dinheiro, qualidade de vida (*e.g.* PA, “*necessidade porque é assim, eu entrei passei dois anos numa empresa e depois eu senti que não tava ganhando dinheiro*”).

Quanto aos motivos que levam as participantes a continuar a prática do trabalho sexual, estas referem novamente motivos de natureza financeira e ainda uma flexibilidade em termos de horários. Nos motivos de natureza financeira, a maioria das participantes afirma que os motivos que as levaram a iniciar são também aqueles que as fazem continuar neste mundo, pelo menos duas participantes apontam a dificuldade que é abandonar a atividade depois de entrar devido ao montante que consegue economizar através de atividade (*e.g.* PF “*sair é complicado, poupar permite avançar*”) e posteriormente a falta de empregabilidade (*e.g.* PE, “*Não ponderei sair, não arranjava trabalho*”).

Relativamente, à flexibilidade horária, as participantes referem que o trabalho sexual permite estabelecer os seus próprios horários, trabalhar por conta própria sem uma programação definida. O que significa ter mais tempo para realizar outras atividades (*e.g.* PA, “*tenho tempo para outras coisas (...) vou passear, andar a cavalo, vou fazer corrida, andar no parque*”), mais tempo para estar com a família e amigos (*e.g.* PA, “*não vou deixar de estar com os meus filhos para estar aqui.*”) e porventura, mais tempo para si (*e.g.* PH, “*Durmo... aí eu vejo filmes, eu leio, saio às vezes.*”). No entanto, importa ainda referir que as motivações que levam a iniciar o trabalho sexual nem sempre se representam pelas mesmas questões. Autores como Oliveira (2011), acreditam que existe toda uma diversidade de motivos e causas que pode levar um

indivíduo a iniciar a prática do trabalho sexual, o que só demonstra a complexidade que é o envolvimento do indivíduo nesta indústria.

Outro ponto pertinente a abordar ainda dentro desta temática, são as vantagens e desvantagens com que as participantes se deparam na prática da atividade, o que ao mesmo tempo nos permite compreender diretamente qual a visão destas quanto à mesma. No que concerne às vantagens, aquela que se demonstrou comum e de maior relevância a todas as participantes foi o nível económico que o trabalho sexual lhes permite ter, para estas o maior benefício possível é conseguir dinheiro de forma rápida e fácil (e.g. PH, *“Tudo baseado no financeiro, não tem mais vantagem do que isso, é um ganho rápido é isso que eu estou falando, não tem outras vantagens.”*).

Além disso, foram referidas outras vantagens, tais como a flexibilidade horária, pois trabalhar por conta própria permite procurar e conciliar com outras possibilidades profissionais noutras áreas (e.g. PA, *“é como eu lhe falei aqui há pouco, eu não estou nisso a tempo integral, nem o ano todo nem o mês todo, passo um mês volto ou passo um ano sem fazer nada (...) vou tentando outras oportunidades”*). Neste sentido, outra das vantagens apontada ao trabalho sexual por uma das participantes foi o facto de na prática sexual haver oportunidade de trabalho igual para todos, o que nem sempre acontece (e.g. PA, *“tou mesmo porque realmente porque eu preciso, porque se eu tivesse o apoio de alguém, se eu tivesse ido bem, se não me tivesse sentido discriminada por eu ser brasileira, se eu tivesse uma oportunidade eu não estaria nisso”*). Por último, foi mencionado que a atividade sexual é uma forma de sobrevivência para algumas participantes (e.g. PD, *“olha é a gente poder sobreviver.”*) e especialmente para as suas famílias (e.g. PA, *“eu vou lá de novo tentar, porque eu tenho que pagar contas, eu tenho muitas coisas.... Como toda a gente, ainda mais uma mulher solteira, tenho dois filhos”*), o que acaba por se relacionar novamente com o benefício principal, o dinheiro.

Paralelamente, também foram referidas diversas desvantagens ao trabalho sexual. Segundo os dados que recolhemos, as participantes mencionam principalmente os múltiplos parceiros sexuais com que se envolvem constantemente na atividade (e.g. PF, *“Suportar pessoas que nunca vi na vida”*), o que acaba por se associar a todo um conjunto de riscos e perigos a que se encontram sujeitos no dia a dia, como uma maior vulnerabilidade a violência física (e.g. PB, *“Assaltos pelos clientes”*), o consumo de substâncias e bebidas alcoólicas que tem como propósito ajudar a desinibir, relaxar e

por consequência permitir trabalhar mais e encarar de outra maneira o trabalho (e.g. PH, “*tem meninas que pela maturidade muitas vezes usam até drogas para ver se conseguem trabalhar mais entendeu? Esse não é o meu caso, mas há de tudo nessa vida*”), a falta de higiene dos parceiros sexuais e o risco de contração de infecções sexualmente transmissíveis (e.g. PG, “*doença (...) o povo não se cuida*”). Toda a informação anteriormente apresentada está alinhada com os resultados obtidos na investigação de Oliveira (2004).

Foram referidas outras desvantagens como a disponibilidade emocional que por vezes é necessária na atividade (e.g. PC, “*não é fácil entender pessoas que não conheço*”) e no caso particular das trabalhadoras em contexto de rua, o tempo morto que se experiencia é visto como uma desvantagem. Para as trabalhadoras do sexo em contexto de rua o tempo em branco que estas têm de ultrapassar enquanto esperam pela possível chegada de clientes e sem qualquer atividade, seja de dia ou de noite, provoca um aumento de insegurança, visto que em contextos de rua se encontram mais expostas e passam muito tempo sozinhas em locais que por vezes não tem qualquer tipo de segurança (e.g. PD, “*a gente muitas vezes fica aqui até às tantas sem fazer nada*”).

Desta forma, ainda que as participantes exponham todo um conjunto de desvantagens, das dificuldades com que têm de lidar diariamente na atividade, além do mal-estar associado e os comportamentos de risco recorrentes, a maioria destas mulheres consegue ter uma visão minimamente positiva sobre o trabalho sexual e as suas vantagens, o que também acaba por as motivar a continuar e a alcançar os objetivos que levaram à sua entrada na atividade.

Por último, quando as participantes foram questionadas em relação ao futuro, as perspetivas destas variaram entre a ideia de num futuro próximo vir a abandonar a atividade e a certeza de que não abandonariam o trabalho sexual tão rapidamente. Tal como sugere Oliveira (2004), a maioria dos trabalhadores do sexo continua o seu percurso na atividade, apenas o tempo suficiente para cumprirem as metas e os objetivos a que se propuseram, especialmente no que toca aos objetivos económicos. Assim, a maioria das participantes afirmou sair da atividade num futuro próximo ou o mais rápido possível (e.g. PF, “*Sim, penso em sair, ficar aqui é que não, quero a minha liberdade, tenho fé que vai passar*”), pretendendo abandonar o trabalho sexual assim que cumprirem os objetivos que a que se propuseram quando decidiram entrar na atividade (e.g. PH, “*Eu tenho um foco aqui, é conseguir o valor que eu quero e pronto,*

dar tchau para tudo isto.”). Algumas pretendem ainda economizar e garantir uma determinada qualidade de vida antes de sair (e.g. PF, “*quero poder passar a estar à vontade*”), e há ainda quem pretenda sair assim que conseguir outra oportunidade de trabalho (e.g. PA, “*Pretendo deixar isto. Sempre penso nisso, mas ainda não houve oportunidade.*”). Esta informação, acaba por contribuir para a perceção negativa das participantes sobre o seu próprio trabalho e ainda um possível reforço do preconceito para com o trabalho sexual (Marques & Costa, 2014).

Relativamente às participantes que pretendem continuar na atividade (principalmente as mulheres com uma idade mais avançada), afirmam que se saíssem não conseguiriam arranjar outro trabalho, por isso, por enquanto não têm previsão de saída (e.g. PB, “*Não arranjo outro trabalho.*”) e quanto ao futuro, só o tempo o dirá. O que segundo a literatura realizada (Oliveira, 2004), também se pode justificar pela desorganização económica durante os anos na atividade e antecipação do futuro.

Implicações do trabalho sexual na vida do trabalhador do sexo

Em seguida, pretendeu-se compreender junto das participantes as implicações que a prática do trabalho sexual tem na sua vida, especialmente a nível social. Deste modo, sendo a população trabalhadora do sexo um grupo socialmente excluído e alvo de estigma devido ao trabalho que realizam, procurámos saber junto das participantes se alguma vez vivenciaram as consequências ou sentiram a influência desse mesmo estigma no seu dia a dia, além da interpretação que cada uma das participantes tem sobre essa mesma reação social e de que forma esta influencia a sua perceção da atividade.

Inicialmente questionou-se as participantes sobre se alguma vez haviam vivenciado em algum momento ou até mesmo experienciado algum sentimento de exclusão e discriminação desde que iniciaram o trabalho sexual. A maioria das mulheres respondeu que até ao momento nunca experienciou ou até mesmo sentiu qualquer tipo de discriminação ou preconceito (e.g. PD, “*Não, graças a deus não*”), o que pode também estar associado ao facto destas manterem segredo da atividade que praticam e da qual ninguém tem conhecimento (e.g. PB, “*Nunca senti, ninguém sabe*”). No que diz respeito à decisão de não contar a ninguém sobre a atividade, não quer dizer que as participantes tenham uma perceção negativa sobre esta, mas de certa forma a decisão de manter oculta acaba por se revelar uma estratégia para se protegerem contra o estigma

social que envolve o trabalho sexual, não tendo assim a necessidade de se expor perante a sociedade e de experienciar o impacto que este pode vir a representar nas suas vidas (Oliveira, 2004). Os dados supramencionados acabam por demonstrar, muitas vezes, a necessidade dos trabalhadores do sexo em manter uma vida dupla. Estes justificam a ideia de que manter uma vida dupla impede toda uma exposição, além de possíveis futuras consequências como, ser alvo de discriminação e estigma social.

Paralelamente, algumas participantes afirmam já ter sentido discriminação e preconceito socialmente devido ao seu trabalho, não apenas por parte pessoas externas à atividade (e.g. PA, *“então na empresa onde eu trabalhava parece que eles desconfiaram de alguma coisa, e me colocaram à parte”*), mas também pelos próprios clientes (e.g. PG, *“é preconceito mascarado, não fala nossa essa ****, não fala, mas é aquela máscara social que na rua vai passar longe, falar mal entende, aqui vem procurar mas na rua fala muito mal”*). Além disso, pelo menos uma das participantes se manteve em silêncio quando se colocou esta questão, na qual se demonstrou um pouco desconfortável.

Quando questionadas sobre o porquê da existência desse estigma social sobre o trabalho sexual e os seus protagonistas, apenas uma das participantes se pronunciou referindo acreditar que o estigma associado à atividade se deve a questões religiosas e sociais (e.g. PG, *“Questão social, que também pega né um pouco da religião lá, que isso são as pessoas promiscuas”*).

Outro ponto pertinente a abordar junto das participantes foi como toda esta estigmatização envolta do trabalho sexual e dos seus protagonistas as faz sentir e de forma as afeta. A maioria das participantes não se pronunciou sobre esta questão. Por outro lado, uma das participantes afirma que inicialmente essa reação social lhe causava uma certa preocupação e incômodo, mas que com o passar do tempo essa mesma preocupação e desconforto se transformou em indiferença e atualmente não se importa de forma alguma com o que pessoas desconhecidas irão pensar (e.g. PG, *“eu fico muito preocupada com o que a pessoa pensa de mim, mas como eu sei que nunca mais vou encontrar com essa pessoa (...), e não me faz sentir mal não (...), tem essa mudança”*). Relativamente ainda a esta questão, pelo menos uma das mulheres mencionou o quanto o estigma e discriminação para com trabalhadores do sexo é provocador de um mal-estar constante na vida dos mesmos. Conforme o que a participante referiu, cada pessoa tem uma história que todos desconhecemos, os seus objetivos, as suas motivações, cada

um vive a vida segundo as suas próprias escolhas e sobre as quais não temos direito nenhum em julgar (e.g. PH, “*lógico que psicologicamente é muito ruim, sabe pessoas não tem que olhar e pensar nada sobre o outro, ninguém conhece a vida do outro (...), acho que ninguém tem a ver com a vida de ninguém.*”). Com base nos dados apresentados, podemos referir que nem todos os protagonistas do trabalho sexual são alvo da negatividade existente e da discriminação, no entanto ainda que estes não sintam os efeitos e consequências desse mesmo trabalho a curto prazo, estas mulheres reconhecem a estigmatização que se encontra associada à prática, acabando assim por condicionar de alguma maneira a sua vida, o seu bem-estar físico e emocional.

Por último, é significativo reter que as participantes não apresentam só perspetivas negativas sobre o trabalho sexual, para estas nem tudo se traduz em sentimentos negativos, existe também a capacidade para ver além desses sentimentos, uma perspetiva minimamente positiva, até mesmo neutra que lhes permite continuar a trabalhar.

Relações Interpessoais

Nesta categoria pretendeu-se compreender qual o papel da família e dos parceiros amorosos junto das participantes enquanto protagonistas que praticam o trabalho sexual. Desta forma, tentámos perceber a dimensão da relação existente entre os participantes e a família, se estes têm conhecimento ou não da sua decisão de entrada na atividade e qual o impacto dessa decisão nas relações pessoais tendo em consideração toda a estigmatização associada ao trabalho sexual. Ainda neste seguimento, tentámos entender se é possível ou não vir a desenvolver relacionamentos amorosos depois de as participantes iniciarem o trabalho sexual. Por último, tencionamos compreender junto das participantes, se a partir das suas vivências acham que é possível encontrar um equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal.

Iniciámos por conversar um pouco com as participantes sobre esta fase atual das suas vidas e como estas introduzem a sua vida profissional, na sua vida pessoal balanceando assim relacionamentos familiares e amorosos. No que diz respeito à relação com suas famílias, nenhuma das participantes se sentiu realmente à vontade para falar, na realidade, demonstraram-se desconfortáveis e um pouco nervosas, destacando apenas que atualmente mantêm uma boa relação familiar. Segundo Oliveira (2004), um

dos principais motivos que leva um indivíduo a iniciar o trabalho sexual e a se manter, é a família e a necessidade de dinheiro para os sustentar.

Contudo, quando inquiridas sobre o conhecimento da família relativamente ao trabalho sexual nas suas vidas, a maioria das participantes afirmou que nem a família, nem qualquer outra pessoa fora do contexto familiar tem ideia do trabalho que estas realizam (e.g. PG, “*Não, jamais.*”). De acordo com Marques e Costa (2014), o facto destas profissionais não assumirem a ninguém aquilo que fazem, nem mesmo para com as pessoas que lhes são mais próximas, pode contribuir para corroborar o preconceito existente dentro e fora trabalho sexual, assim como nas relações ao seu redor. O medo de reprovação, leva a que optem por omitir e manter uma vida dupla.

Por conseguinte, a maioria das participantes aponta o desejo de evitar conflitos (e.g. PG, “*iam ficar muito chateados, muito chateados*”), receio de quebrar a relação familiar (e.g. PH, “*Eles não aceitariam*”), o sentimento constante de dúvida relativamente à hipótese de contar aquilo que realmente fazem (e.g. PF, “*Não vão saber, não posso*”), acreditar que tal decisão não depende da família logo não existe a necessidade em partilhar (e.g. PD, “*Nunca se meteram na minha vida, assim como eu não me meto na vida deles*”), e por fim, ter de abandonar a atividade caso descobrissem (e.g. PC, “*se pedissem para eu parar, eu deixava a atividade*”).

Não obstante, foi possível verificar algumas respostas distintas, pelo menos duas mulheres afirmam que alguns membros da família tem conhecimento do seu trabalho, mas ainda que se saiba e que provoque algum transtorno na relação, estas mulheres garantem não abandonar enquanto não alcançarem as metas a que se propuseram quando decidiram entrar (e.g. PE, “*Ela (irmã) diz que é problema meu e não saía se ela pedisse, a verdade é que depende das condições, coisas que ainda quero conquistar*”).

Neste sentido, tencionamos ainda explorar outras relações, como as amorosas e tentar compreender junto das mulheres enquanto trabalhadoras do sexo se acham possível manter e vir a desenvolver relações amorosas. No que respeita a esta questão, as respostas variaram consideravelmente, sabemos ainda que nem todas as participantes se encontram atualmente em relacionamentos, por esta razão pedimos a estas que falassem de relacionamentos anteriores.

Com base nas respostas, sabemos que as participantes privilegiam fatores como a confiança (e.g. PH, “*eu sempre deixei muito claro*”), e honestidade (e.g. PG, “*ele sabe, ele sabe*”), o não misturar o trabalho com a vida pessoal torna-se essencial para

estas mulheres encontrarem um equilíbrio no relacionamento (e.g. PG, “*E quando eu estou em casa com ele não falo nada de trabalho*”). Por outro lado, numa percepção mais negativa há quem acredite que a única maneira de desenvolver um relacionamento enquanto se trabalha neste ramo é através da omissão (e.g. PC, “*não sabe*”), optar por ocultar ao parceiro e não partilhar a realidade do contexto em que se trabalha bem como viver um relacionamento à distância também se mostra uma opção que facilita de alguma maneira a dinâmica entre relação amorosa e trabalho, não existindo assim a necessidade de mentir diariamente ao parceiro (e.g. PF, “*o meu parceiro não sabe, mora em Espanha*”). De acordo com os últimos dados e consoante as investigações (Marques & Costa, 2014), é significativo referir que a falta de partilha, respeito e afeto, consequência da omissão do trabalho sexual, acaba por provocar, possivelmente, a rutura a curto ou longo prazo da relação.

Em relação ao porquê de não se considerar possível manter relacionamentos amorosos a longo prazo após a entrada na atividade, não obtivemos muitas respostas junto das participantes e foram poucas as elaboradas. As participantes que se demonstraram confortáveis para falar, descreveram que os principais motivos decorrem da intimidade que a própria atividade exige com múltiplos parceiros (e.g. PA, “*Pra mim não, pra mim é complicado, sinto que eu não sei separar as coisas, quando eu conheço alguém eu já paro*”), das discussões que toda a dinâmica do trabalho gera entre o casal (e.g. PE, “*para ele esta vida não dava, era ele ou esta vida, tive que continuar*”), da ganância que a atividade pode vir a gerar (e.g. PB, “*Ele já só queria saber do dinheiro, não importava o que eu fizesse*”).

Por fim, com o propósito de encerrar esta categoria, pediu-se às inquiridas que realizassem uma retrospectiva do seu percurso, desde o momento em que começaram a trabalhar na indústria do sexo, até aos dias atuais. Assim, é significativo percebermos de que forma, estas encontram um equilíbrio entre a sua vida pessoal e a vida profissional. Como resultado, apenas uma participante não respondeu a esta questão. Todavia, parte destas mulheres refere a importância de definir o tempo pessoal e tempo de trabalho, estabelecer limites que passam por desligar o telemóvel para chamadas profissionais quando estamos fora do contexto de trabalho, evitar pensar em trabalho e não permitir que assuntos profissionais surjam, tomem conta do contexto pessoal ou interfiram de alguma maneira nas relações privadas. Acima de tudo, as inquiridas, ainda que não tenham elaborado as suas respostas, reconhecem a importância de separar os dois lados

desta vida, especialmente a relevância de desconectar do mundo profissional em benefício de manter o mínimo de qualidade de vida. Contrariamente, algumas trabalhadoras referem não conseguir separar o trabalho da vida pessoal e como consequência é-lhes impossível não pensar em tudo o que se encontra relacionado à atividade.

Vivência Corporal e Emocional

Um dos aspetos que se compreendeu ser essencial explorar e aprofundar durante a realização das entrevistas foi a forma como as participantes, enquanto mulheres, experienciam corporal e emocionalmente a relação sexual com múltiplos clientes. Neste sentido, procuramos começar por uma fase mais inicial da atividade, diretamente pelas primeiras experiências enquanto trabalhadoras do sexo.

As participantes referiram que as experiências iniciais enquanto trabalhadoras foram as piores, insuportáveis e profundamente negativas (e.g. PG, *“No primeiro momento que eu tava ficando com o cliente, eu senti nojo e repulsa, porque ele era o segundo homem da minha vida, um cliente foi a segunda pessoa da minha vida com quem eu fiquei. Tirando o meu namorado eu só tive um homem na minha vida, então eu me senti nojenta não queria mais, eu fiquei em pânico (...) por mais que eu tenha aquela mentalidade de que sexo é sexo, eu me sentia mal”*).

Ainda que se considerassem bastante inexperientes, mencionaram que nada as conseguia preparar minimamente para aquele momento e para as emoções que se seguiram (e.g. PA, *“ quando comecei, foi diferente porque assim, imagina, eu estava separada há uns seis meses, para mim acho que foi como tivesse arranjado alguém, eu tava ali numa direção, mas depois a realidade é outra (...) as experiências não são agradáveis ”*).

A maioria afirmou unanimemente que de início só conseguia sentir uma espécie de revolta e repulsa, não só pelo cliente mas para com o próprio corpo (e.g. PE, *“senti-me um lixo, usada”*), uma sensação horrível de nojo constante que parecia não desaparecer de forma alguma (e.g. PH, *“ (...) a gente só quer que termine rápido e que vá embora, só isso. Tomar um banho para se livrar (...)”*).

Durante a fase inicial de exercício da atividade, as trabalhadoras experienciaram um período emocionalmente frágil, conflituoso e sobretudo negativo, demonstrando

dificuldade em gerenciar todo um conjunto de emoções derivadas ao trabalho, como vergonha, mau estar, ódio, raiva entre outras.

Porém, independentemente do impacto negativo das primeiras experiências, todas as participantes sem exceção referiram que após esta fase inicial continuaram a trabalhar na atividade, ainda que demonstrassem insatisfação, a recompensa monetária era a prioridade (e.g. PB, “*Eram necessárias*”). As mulheres referiram que, com o tempo, depois de passarem por um processo de aprendizagem e mudança, conseguiram atingir um determinado equilíbrio, dados estes que também são relatados em outras investigações (Oliveira, 2004, 2011).

Desta forma, para a maioria das participantes a mudança veio com o tempo e com a experiência, ocorrendo primeiramente uma adaptação a nível emocional. Para cada mulher a adaptação à atividade ocorreu de forma singular e ao seu próprio ritmo, à medida que iam ganhando experiência de trabalho, também foram adquirindo aprendizagens essenciais.

Com o tempo e a prática, as mulheres começaram a desenvolver determinadas estratégias que lhes permitiam manter um distanciamento emocional e assim passar a vivenciar a relação sexual com os clientes de uma forma mais fácil e até mesmo rápida. A maioria das participantes afirmou que durante a relação sexual com os clientes tentam divergir o máximo possível o seu pensamento do ato sexual (e.g. PD, “*Eu estou a pensar, às vezes em tantas coisas, para não estar focada no que estou a fazer, penso noutras coisas*”), distrair-se com os mais diversos assuntos, como por exemplo momentos simples do seu dia a dia, objetivos pessoais que as trouxeram até aquele momento, pensar nas pessoas que lhe são especiais, no lucro monetário, no desejo em que o ato acabe o mais rápido possível e por último, a mais referida de todas, não pensar em nada.

Além disso, referiram também o recurso a métodos para acelerar a relação sexual com o cliente. As mulheres afirmaram que com a prática aprenderam a observar e a entender o cliente, procuraram compreender o que agradava a cada um e como seriam capazes de os estimular mais facilmente (e.g. PG, “*No começo, como eu estava tentando pegar a magia, tentando ver comportamento cultural mesmo para ver quanto o cara está a gozar, então tentava mais ficar literalmente imersa no que estava acontecendo para aprender mais sobre a questão do homem a trabalhar (...), aí depois eu percebi que eu ficava por dentro de tudo. Hoje em dia, em que eu conheço mais a*

cena, conheço os pontos fracos dos homens ou assim, mas eu literalmente fico sem pensar em nada”). Tal como Oliveira (2004), refere na sua investigação, as trabalhadoras do sexo necessitam realizar uma aprendizagem que lhes permitam conseguir ter relações sexuais com uma determinada indiferença emocional, para estas mulheres que utilizam o corpo como instrumento de trabalho, envolver-se em pensamentos e atos contribui para minimizar o tempo da relação e as repercussões emocionais da mesma.

Posto isto, com a adaptação às exigências do trabalho, ocorreu naturalmente uma mudança na forma como as mulheres passaram a vivenciar a relação sexual com os clientes, para a maioria das participantes, com o tempo, os encontros com os clientes passaram a ser toleráveis e com uma maior sensação de controlo (*e.g.* PF, “*Atualmente suporte*”).

Consequentemente, as mulheres, à medida que se tornam mais experientes, acabam também por adotar um conjunto de limites na relação sexual com os clientes, limites estes comportamentais e emocionais, bem como certos cuidados higiénicos que demonstram ser importantes para manter o distanciamento emocional e assim definir o que é permitido ou não nas relações sexuais, o estabelecimento de uma barreira simbólica entre a vida profissional e a pessoal, permitindo assim afirmar a diferença entre clientes e não clientes. Esta separação que as mulheres realizam entre a relação profissional e a relação afetiva com recurso ao estabelecimento de um conjunto de limites simbólicos é evidenciada em diversas investigações, revelando a significância da sua adoção para a definição de uma fronteira (Oliveira, 2004, 2011; Pasini, 2000).

Os limites simbólicos mais comuns apontados pela maioria das participantes durante as relações sexuais com os clientes variaram entre não realizar determinadas práticas sexuais como sexo anal ou oral, evitar o máximo contacto físico possível ou qualquer demonstração de afeto e carinho durante a relação sexual, e por fim, aqueles que representam um maior divisor simbólico são o uso constante de preservativo em todas as relações comerciais sem exceção (*e.g.* PG, “*Uma parte, meio que guardo (...), jamais ficar sem camisinha tanto por causa do namoro, tanto por causa de mim, beijar na boca também não e também não deixo dar uma oral em mim.*”) e a recusa em beijar. De acordo com as participantes o beijo representa um gesto bastante íntimo e com um significado forte, o qual estas reservam única e exclusivamente para relações afetivas, mas também como uma forma de se protegerem. A utilização do preservativo e a recusa

ao beijo demonstram ser os principais divisores simbólicos e com maior significância entre as relações profissionais e amorosas, os mesmos resultados podem ser comprovados em várias investigações (Oliveira, 2004; Pasini, 2000).

Por último, é significativo reter que, ainda que as mulheres consigam desenvolver as estratégias/limites essenciais para alcançar o distanciamento necessário na relação sexual, o mesmo pode não se desenrolar da forma pretendida. Neste caso, podemos destacar o desenvolvimento de sentimentos por clientes, o que realça a importância de um trabalho e gestão emocional constante, o recurso a estratégias e limites permitem e estabelecem a divisão entre a vida profissional e pessoal. Oliveira (2004) evidencia nas suas investigações que as trabalhadoras do sexo atingem o distanciamento emocional necessário assim que o comportamento sexual já se encontra mecanizado.

Implicações das vivências na atividade

A seguinte categoria pretendeu compreender algumas das implicações do trabalho sexual e até que ponto as mulheres foram influenciadas em determinados aspetos da sua vida.

Neste sentido, iniciámos por tentar compreender junto das participantes, que implicações a atividade profissional e o ato sexual com múltiplos parceiros em contexto comercial tem na vivência da própria relação sexual e na sexualidade da mulher. Quando inquiridas sobre o assunto, as mulheres afirmaram que, desde que começaram a trabalhar na atividade, a vivência das relações sexuais nunca mais foi a mesma.

Como foi referido anteriormente, algumas das participantes mencionaram que de momento se encontram em relacionamentos amorosos ao mesmo tempo que exercem a atividade. Em virtude dos fatos mencionados, podemos afirmar que mesmo as trabalhadoras do sexo declarando que se encontram em pleno controlo da sua vida profissional e privada, o exercício da atividade acaba por prejudicar as suas relações afetivas e vice-versa.

As mulheres referiam que, à medida que foram ganhando prática no trabalho e adquirindo um determinado distanciamento emocional fundamental ao seu equilíbrio, também a vivência das suas relações sexuais foram se alterando, acabando por ter implicações mesmo a nível pessoal.

Assim, a maioria das participantes referiu ter deixado de sentir qualquer prazer sexual e emoção durante a relação com o parceiro amoroso, e não só na relação comercial. Para estas mulheres, o ato sexual passou a ser um comportamento completamente mecanizado, ausente e sem significado (e.g. PF, “*De forma fria, algo mecânico (...) estar com o parceiro e com clientes alterou-se, não tenho tato de sentir algo, sinto-me fria.*”). No entanto, não podemos generalizar e supor que todas as relações sejam iguais, pelo menos duas participantes afirmaram que, ainda que a atividade tenha afetado de uma forma negativa a relação afetiva, e que por sua vez a relação sexual com o parceiro seja ligeiramente diferente, estas conseguem distinguir a relação sexual com o parceiro amoroso, uma relação onde existe prazer e interesse, de uma relação comercial (e.g. PE, “*Por amor é uma coisa, por dinheiro é outra*”).

De acordo com Oliveira (2011), as trabalhadoras do sexo, no que concerne à sua sexualidade, conseguem realizar uma distinção nítida entre as relações comerciais e as relações afetivas. É significativo retermos, que, mesmo a prática da atividade não interferindo na relação afetiva das trabalhadoras, o facto de estas manterem a atividade oculta do parceiro amoroso impede-as de viver uma relação completamente genuína.

Posteriormente, tentámos compreender de que forma a prática do trabalho sexual influenciou a perceção das mulheres sobre o próprio corpo. A maioria das mulheres afirmaram que, depois de iniciar a atividade, começaram a olhar para o seu corpo de forma diferente e pelo menos duas mulheres disseram que nada se alterou ou até mesmo começaram a dar mais importância e valor ao seu corpo.

No que diz respeito às mulheres que olhavam para o seu corpo de uma maneira diferente, estas referem que após iniciar a atividade começaram a nutrir um conjunto de sentimentos negativos, uma visão do corpo completamente diferente da que tinham anteriormente. Tal visão negativa, traduz-se ao ponto de olhar para o seu próprio corpo e não o reconhecer, gerar sentimentos como nojo e vergonha, o que acaba por afetar a auto-estima (e.g. PB, “*Sim senti mudanças, passei a sentir nojo de mim e dos homens; do meu corpo.*”). Num aumento de peso após a entrada na atividade, como consequência do stress associado às exigências da atividade. A sensação de aquele corpo não ser realmente o seu, não ser a mesma pessoa e sim alguém completamente diferente (e.g. PF, “*estranha, a pessoa pensa a que ponto chegou e já não se vê como a mesma pessoa; nem gosto de sair, sinto-me mal e envergonhada.*”). Paralelamente, numa perceção mais positiva, uma das participantes referiu que em nada o exercício da

atividade alterou a sua vivência corporal, continua a sentir-se tão bem como anteriormente. Já a outra participante mencionou que a sua entrada na atividade contribuiu para ter mais cuidado com o seu corpo, a ser mais consciente e a dar mais valor.

À vista disto, pretendeu-se explorar que cuidados as mulheres começaram a desenvolver relativamente à sua aparência e na forma como cuidam do seu corpo. Quanto a este ponto, as respostas das mulheres divergiram bastante, uma parte das mulheres afirmaram que desde que entraram para a atividade começaram a ter mais atenção com o seu corpo e aparência, pelo menos uma mulher não respondeu a esta questão e as restantes afirmaram que em nada mudaram a sua rotina de cuidados, a forma como cuidam do seu corpo continua igual.

No que respeita ao aumento de cuidados, as mulheres afirmaram que desde que exercem a atividade adquiriram outros hábitos, como um maior cuidado com a sua aparência física, atendendo a aspetos como cabeleireiro, manicure e vestuário, isto não só devido aos clientes mas principalmente para se sentirem bem consigo próprias, refletindo-se no aumento da sua auto-estima e confiança (e.g. PG, *“Cuido mais, passei a cuidar, vou no salão tento fazer a unha (...) né fazendo dieta, então sim estou me cuidando mais, por mais que eu não queira trabalhar nisso, para me sentir bem.”*). Além disso, estas mencionaram um aumento de preocupação para com a sua saúde, recorrem com maior regularidade a serviços médicos e realizam muitos mais exames, para estas questões de saúde (e.g. PD, *“sou vista todos os meses por médicos, hospital tenho lá as consultas todas”*), e de higiene tornaram-se fundamentais na prática da atividade, visto não conhecerem qualquer aspeto da vida dos seus clientes.

As restantes participantes admitiram que já cuidavam do seu corpo e da sua saúde mesmo antes de exercer a atividade, que pouco ou nada se alterou desde então. Estas apontam que todas as mulheres devem ter diversos cuidados no que respeita à sua saúde mesmo exercendo ou não a atividade (e.g. PE, *“Tudo, devemos todos cuidar de si, independentemente se está nesta vida, higiene com o corpo é fundamental”*). É de referir que ainda nesta questão da saúde e do corpo, pelo menos uma participante não referiu nada, ficando em silêncio.

Por último, e ainda em relação a questões de saúde surgem as estratégias de prevenção contra infeções sexualmente transmissíveis. Tal como foi supramencionado, a utilização de preservativo representa um limite simbólico imprescindível para estas

mulheres, separando a sua vida profissional da privada. Desta forma, sabemos que perante as relações comerciais todas as mulheres referiram a utilização de preservativo (e.g. PF, “*Utilizo proteção sempre, se não quiserem vão embora; dinheiro nenhum paga a nossa saúde*”).

De acordo com Oliveira (2004), são raras as trabalhadoras do sexo que dispensam o uso do preservativo nas relações sexuais comerciais, estas reconhecem que determinadas práticas podem implicar o risco de infeções, sendo assim, a autora afirma que “o uso do preservativo, de forma sistemática e consistente, torna-se de tal maneira habitual, que esta é a única forma admissível de ter relações sexuais.” (p.149).

No que concerne às relações privadas, apenas uma participante referiu o uso de preservativo durante a relação sexual com o parceiro amoroso (e.g. PH, “*Proteção sempre, a única coisa que eu tirei dele, foi a proteção no oral, mas a penetração vaginal é com camisinha.*”), as restantes participantes afirmaram que com os respetivos parceiros amorosos não recorrem ao uso de preservativo porque acreditam não ser necessário e no qual confiam (e.g. PG, “*Nele é sem proteção, sem camisinha, sem nada.*”).

IV. Conclusão e Reflexões Finais

O presente estudo teve como objetivo compreender de que forma a população trabalhadora do sexo percebe e mantém um equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, especialmente nas relações comerciais e as relações amorosas, visto que o corpo é o seu instrumento de trabalho torna-se importante entender se estas conseguem mediar as vivências do corpo e da própria sexualidade.

Em consequência da análise dos dados e da apresentação dos resultados, é possível averiguar que, embora as participantes partilhem uma realidade semelhante, apresentam características bastante heterogêneas. Cada uma das mulheres entrevistadas, mostrou uma percepção diferente relativamente ao seu corpo e à forma como vivenciam as experiências no trabalho sexual.

De acordo com os resultados obtidos, cada uma das participantes, numa fase inicial da atividade, passou por um período de ajustamento bastante complicado a nível corporal e emocional, dentro e fora da atividade. Assim, só ao fim de algum tempo de exercício da profissão e consoante o conhecimento que foram adquirindo, desenvolveram-se estratégias de autocuidado ao que se juntou a partilha de informação entre profissionais, surgindo assim um conjunto de estratégias comportamentais e emocionais, que lhes permitiram mediar as suas vivências e experiências corporais. A experiência levou cada uma destas mulheres a aprender a estabelecer determinados limites com o intuito de facilitar as vivências no trabalho sexual.

Neste sentido, a fase de mudança e de aprendizagem que cada uma destas mulheres experienciou individualmente, revelou-se verdadeiramente significativa para uma divisão consciente entre relações comerciais e relações afetivas, mas principalmente para alcançar um equilíbrio imprescindível entre a vida profissional e pessoal.

No entanto, os resultados também demonstraram que as estratégias desenvolvidas nem sempre resultaram nos efeitos pretendidos, especialmente a nível emocional. A prática da atividade requer do trabalhador do sexo um trabalho emocional constante, o que nem sempre se demonstra uma tarefa fácil. Como foi possível observar, a maioria destas mulheres não dispõe de qualquer tipo de suporte a nível emocional, seja ele familiar ou amoroso, devido ao exercício da atividade ser oculto.

Assim, é importante compreender que dependendo da fase da vida em que cada mulher se encontra, tanto a nível profissional como pessoal, a realidade é que por vezes a situação pode fugir do controlo, nem sempre é possível minimizar os danos emocionais e encontrar o equilíbrio que se pretende.

Posto isto, é pertinente colocarmos a possibilidade de reforçar projetos existentes ou até mesmo investir na criação de novos projetos que permitam alargar a capacidade de alcance das instituições em prestar o suporte social e emocional necessário a populações marginalizadas e vulneráveis. Um aumento da consciencialização da comunidade sobre a importância da melhoria de qualidade de vida e saúde, a relevância dos processos de promoção e proteção da saúde, igualdade de oportunidades e recursos, a disponibilização de mais serviços sociais e de informação, apoio psicossocial, bem como a adoção de estilos de vida saudáveis (Coutinho & Oliveira, 2014). O reforço de intervenções de carácter formativo, permitiram ao indivíduo modificar o seu comportamento de forma consciente e voluntária, resultando num aumento do seu bem-estar. Por último, mencionamos a importância da educação para a saúde não só no desenvolvimento individual, mas também coletivo. Desta forma, pretende-se que não só o indivíduo, mas acima de tudo as famílias tenham um papel envolvente não só no seu bem-estar, mas também no da comunidade (Queiroz, 2011).

Relativamente às limitações da investigação, podemos salientar em primeiro lugar a dificuldade de acesso à população objeto de estudo. Quanto à população em questão, sabíamos desde o início que não seria fácil conseguir um número considerável de participantes para o estudo, por múltiplos motivos, nomeadamente a mobilidade constante para diferentes zonas do país por causa do trabalho, a dificuldade em estabelecer um primeiro contacto e encontrar sujeitos que estejam disponíveis para colaborar no decorrer do estudo, neste caso podemos também apontar a falta de uma relação de confiança entre o investigador e a participante, em alguns casos as entrevistas foram realizadas logo no primeiro encontro com as participantes o que pode ter comprometido a partilha e fluidez de informação. Importa ainda referir que a forma como se procedeu à recolha de dados também teve algumas limitações, devido a estarem totalmente à vontade e o medo de exposição nem todas as participantes permitiram a gravação áudio da entrevista condicionando a recolha de informação.

Em seguida, podemos referir a disponibilidade das participantes para a realização da entrevista, em consequência do seu trabalho, nem sempre foi possível encontrar um horário que se adequasse a ambas as partes e em alguns casos, as entrevistas foram realizadas em horário de trabalho resultando numa pressão de tempo. O espaço e o ambiente em que decorreu a entrevista demonstrou ser também um desafio, particularmente, com as participantes que trabalham em contexto de rua, o único momento em que estas se encontravam disponíveis era em horário de trabalho, o que resultou na interrupção da entrevista por alguns momentos devido à chegada e saída de clientes, a sons exteriores, o que resultou numa falta de concentração e desconforto por parte das participantes. Além disso, podemos destacar a falta de representatividade de toda a população, como uma das principais limitações do estudo, bem como a escassez de estudos com a população trabalhadora do sexo em Portugal.

Após refletir sobre as histórias e experiências individuais de cada uma das mulheres que aceitou participar no estudo, e entender a sua perceção em relação à atividade e aos significados que estas atribuem às suas vivências, foi possível constatar que ainda existe muito campo por explorar e compreender na temática, principalmente, pelo contacto direto com esta população. Desta forma, é pertinente continuarmos a valorizar a importância de dar voz a populações que se encontram na margem da sociedade, estimular a sua compreensão, a partilha de informação e uma observação direta.

Para futuras investigações é importante tentarmos investir na compreensão além dos trabalhadores do sexo, explorar também, por exemplo, a perceção e o significado das relações comerciais para os clientes, a perspetiva da própria sociedade relativamente ao trabalho sexual e aos seus atores, por fim, procurar compreender e entender o desenvolvimento e impacto do trabalho sexual em regiões do interior do país, visto que as principais investigações desenvolvidas em Portugal sobre o trabalho sexual situam-se essencialmente nas áreas metropolitanas.

Referências Bibliográficas

- Abal, F. C., & dos Santos Schroeder, P. (2017). Prostituição, estigma e marginalização: o reconhecimento do vínculo de emprego das profissionais do sexo. Espaço Jurídico: *Journal of Law*, 18(2), 509-524. <https://doi.org/10.18593/ejil.7695>
- Alles, N. L. (2018). Clandestinidade e estigma: reflexões sobre a visibilidade comunicacional de mulheres prostitutas. *Comunicação & Sociedade*, 40(1), 159-183. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v40n1p159-183>
- Almeida, V., & Costa, J. C. (2019). Mulher e profissional do sexo: considerações sobre prostituição, saúde, trabalho e Terapia Ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 3(1), 37-52. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto18277>
- Araújo, L. B. D., & Silva, T. L. C. V. (2017). Sexo e afeto. Quais os limites do corpo das profissionais do sexo?. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, 21. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3573>
- Associação para o Planeamento da Família (2021). Infecções Sexualmente Transmissíveis. <http://www.apf.pt/infecoes-sexualmente-transmissiveis>
- Banuth, R. D. F., & Santos, M. A. D. (2016). Vivências de discriminação e resistência de uma prostituta negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, 763-776. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002862015>
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70.
- Bernstein, E. (2007). Sex Work for the Middle Classes. *Sexualities*, 10(4), 473-488. <https://doi.org/10.1177/1363460707080984>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto editora.

- Brandão, C. (2010). *O Desempenho Individual de dirigentes de topo da Administração Pública Portuguesa: um contributo para o desenvolvimento de uma taxionomia comportamental e motivacional*. (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>
- Coutinho, J., & Oliveira, A. (2014). Redução de riscos no trabalho sexual em Portugal: representações dos técnicos interventores. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 15(2), 538-553. <https://doi.org/10.15309/14psd150216>
- Decreto-Lei nº. 48/95, de 15 de março do Código Penal. Diário da República n.º 63/1995, Série I-A de 1995. Acedido a 27 de março de 2022. <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675>
- Ferreira, M. E. M. P. (2010). O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Ciências & Cognição*, 15(3). <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n3/v15n3a06.pdf>
- França, M. V. (2015). Expressão e produção de emoções no comércio do sexo. *Clínica & Cultura*, 4(1), 46-58. <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/4069>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6. ed.). Editora Atlas SA.
- Harris, M., Nilan, P., & Kirby, E. (2011). Risk and risk management for Australian sex workers. *Qualitative Health Research*, 21(3), 386–398. Retirado de <http://doi.org/10.1177/1049732310385253>
- Hochschild, A. R. (1979). Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *American Journal of Sociology*, 85(3), 551-575. <https://doi.org/10.1086/227049>

- Leão, A., & Lussi, I. A. D. O. (2021). Estigmatização: consequências e possibilidades de enfrentamento em Centros de Convivência e Cooperativas. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25. <https://doi.org/10.1590/interface.200474>
- Marques, D. M. D., & Costa, D. R. (2014). A saúde e a “vida” das profissionais do sexo. *CIAIQ2014*, 2. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ/article/view/522/517>
- Mendes, M. I. B. D. S., & Nóbrega, T. P. D. (2004). Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. *Revista Brasileira de Educação*, 125-137. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000300009>
- Moreira, I. C. C. C., & Monteiro, C. F. D. S. (2012). A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20 (5), 954-960. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000500018>
- Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, A. (2011). *Andar na Vida* (1ª ed.) Coimbra: Almedina.
- Oliveira, A. (2017). Prostituição em Portugal Uma atividade marginalizada num país que tolera mais do que persegue. *Revista Bagoas*, 11(17), 201-224. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/111356>
- Oliveira, A. (2013). Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: características e significados (Relatório Técnico). Universidade do Porto, Porto, Portugal. <https://hdl.handle.net/10216/77082>
- Pasini, E. (2000) Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*, 14, 181-200. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635351>

- Pasini, E. (2005). *Prostituição e a liberdade do corpo*. Rio de Janeiro. <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/elisiane.pdf>
- Pasini, E. (2011). Corpos na prostituição: práticas de saúde. *BIS. Boletim do Instituto de Saúde*, 13(2), 170-176. <https://doi.org/10.52753/bis.2011.v13.33679>
- Queiroz, S. (2011). Reflexões sobre Educação para a Saúde. <http://www.op-edu.eu/artigo/reflexoes-sobre-educacao-para-a-saude>
- Rago, M. (1991). *Os prazeres da noite." Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Rago, M., & Funari, P. P. A. (2008). *Subjetividades antigas e modernas*. Annablume.
- Roberts, N. (1992). *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Russo, G. (2007). No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Caderno CRH*, 20, 497-514. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000300009>
- Sacramento, O., & Ribeiro, M. (2014). Mulheres marcadas: prostituição, ordem e exclusão. *Cuadernos de trabajo social*, 27(1), 197-209. http://dx.doi.org/10.5209/rev_CUTS.2014.v27.n1.41727
- Santos, F. M. (2012). Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. *Revista Eletrônica de Educação*, 6 (1). <https://doi.org/10.14244/%2519827199291>
- Silva, K. A. T., & Cappelle, M. C. A. (2015). Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 16, 19-47. <https://doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n6p19-47>
- Silva, G. N. (2018). As muitas faces da prostituição: uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. *Divers@!*, 11(1), 15-25. <https://doi.org/10.5380/diver.v11i1.51975>

- Siqueira, G. C., Marcolino, A. M., & dos Santos, A. D. O. (2021). Mulheres transexuais e travestis negras: vulnerabilidade, preconceito e discriminação. *Debates em Sociologia*, 52, 43-57. <https://doi.org/10.18800/debatesensociologia.202101.003>
- Soares, J. F. S., Santos, L. C., Cardoso, J. P., Neves, L., & Batista, E. C. (2015). A prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. *Rev Saberes*, 3(2), 63-75. <https://www.researchgate.net/publication/320935389>
- Sanders, T. (2004). A continuum of risk? The management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of Health & Illness*, 26(5), 557-574. <https://doi.org/10.1111/j.0141-9889.2004.00405.x>
- Villela, W. V., & Monteiro, S. (2015). Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 531-540. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742015000300019>
- World Health Organization. (2015). Sexual health, human rights and the law. World Health Organization. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9789241564984_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Anexos

Anexo I- Termo de Consentimento Informado

Exmº. Senhor/a,

Solicita-se a sua colaboração na realização de uma entrevista semiestruturada, realizada por Vanessa de Simas Madruga, no âmbito de uma investigação integrante da Tese de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

A investigação tem como objetivo compreender as vivências do corpo e da sexualidade nas práticas do trabalho sexual, mais concretamente como é que os trabalhadores/as sexuais fazem a separação da área profissional do pessoal.

Neste sentido, a sua colaboração é totalmente voluntária, na qual se garantirá o completo anonimato e confidencialidade de informações. No decorrer da entrevista será utilizado um gravador para recolha de informação, não envolvendo qualquer risco para a identidade do participante, ou algum tipo de prejuízo para as suas atividades. O tempo estimado da entrevista, poderá ser aproximadamente 60 minutos, de acordo com a sua disponibilidade.

Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade, sendo assegurado o direito de recusa do participante na respetiva investigação.

A aluna,

(Vanessa de Simas Madruga)

Declaro ter sido informado/a sobre a natureza e os procedimentos da investigação. Além disso, fui igualmente informada sobre o procedimento de recolha de informação através do uso do gravador durante a entrevista, bem como a garantia de completo anonimato e confidencialidade.

Após ter esclarecido todas as minhas dúvidas, estou de acordo em participar voluntariamente na investigação, e assino o termo de consentimento.

Coimbra, _____, _____ de 2022

A participante,

Anexo II- Guião de Entrevista Semi- Estruturada

1º Parte- Breve apresentação, seguida de um pequeno esclarecimento relativamente à informação sobre o estudo e por fim, entrega do Consentimento Informado ao Participante.

2ºParte- Dados Sociodemográficos

- Idade
- Género
- Nacionalidade
- Habilitações Literárias
- Profissão/ Ocupação Paralela
- Estado Civil
- Agregado Familiar
- Filhos (já pensou em ter?)
- Já teve algum parceiro a partir do momento que entrou na atividade?

3º Parte- Fase de Trajetória na Atividade

- a) Há quanto tempo está na atividade?
- b) Quais foram as razões que a levaram a entrar neste meio?
 - Atualmente as razões mantêm-se?
- c) É trabalhadora sexual a tempo inteiro?
- d) Como caracteriza a atividade em que está inserida?
- e) Como vê o trabalho sexual (atividade)?
- f) Como têm sido estes anos (o seu percurso), na atividade?
- g) Pode apontar algumas vantagens e desvantagens da atividade?
- h) Alguma vez vivenciou ou sentiu algum tipo de discriminação ou preconceito?
 - **Se sim:** Poderia descrever algum episódio em específico e como isso a fez sentir?
- i) Porque acha que existe essa discriminação e preconceito?
- j) Como é que a reação das pessoas a faz sentir?

4º Parte- Vivência Corporal

- a) Como descreve as primeiras experiências na atividade?
 - Como lidou com essas primeiras experiências?
 - Ainda hoje se sente dessa forma?
 - Os seus sentimentos em relação às experiências sexuais mantêm-se desde então? (se sim:)
 - O que a levou a continuar?
- b) Sentiu alguma mudança na forma como vê o seu corpo?
- c) Que relação passou a ter com o seu corpo depois de iniciar o trabalho sexual?
- d) Como passou a encarar as relações sexuais, ou seja, que sente cada vez que tem uma experiência sexual?
- e) Durante as relações sexuais que desenvolve com os clientes, que estratégias utilizam em termos de pensamentos e comportamentos?
- f) Alguma vez desenvolveu algum tipo de afetividade ou outro tipo de sentimento por algum cliente? **(Se sim)**
 - Como lidou com a situação? Mudou alguma coisa na sua vida?
 - Ponderou alguma vez sair depois disso?
- g) Durante a relação com o cliente, que limites simbólicos impõe relativamente a comportamentos e emoções?
- h) Que implicações têm o trabalho sexual, na relação afetiva com o seu parceiro?

5ª Parte- Sistemas de Desenvolvimento (Família)

- a) Descreva-me um pouco daquilo que foi a sua infância, a sua vida antes de entrar no caminho do trabalho sexual?
- b) Atualmente, como é a relação entre si e a sua família?
- c) A sua família tem conhecimento deste lado da sua vida?
- d) Como é que eles encaram a sua escolha?
- e) Como é que acha que eles reagiriam se soubessem?
- f) Como é que divide o tempo entre família e a atividade?
- g) Como ocupa os seus tempos livres?
- h) Durante o seu tempo livre, quando não está a trabalhar, costuma pensar na atividade?

6º Parte- Saúde

- a) Que cuidados higiênicos têm com o seu corpo e a sua aparência?
- b) Em relação à prevenção contra as IST's, que estratégias utilizam com os clientes e posteriormente com o parceiro?

7º Parte- Situação atual

- a) Num futuro próximo, pensa em deixar o trabalho sexual?
- b) Quais são as suas expectativas/objetivos para o futuro?

Anexo III- Sistema de Categorias

➤ Características sociodemográficas dos participantes

- 1. Idade**
- 2. Sexo ao nascimento**
- 3. Nacionalidade**
- 4. Habilitações Literárias**
- 5. Relacionamentos amorosos**
- 6. Companheiros de casa**
- 7. Descendentes**
- 8. Contexto de trabalho**

➤ Características relativas ao trabalho sexual

- 9. Antiguidade na atividade**
- 10. Caracterização da atividade**
 - A. um trabalho
 - B. uma profissão
 - C. algo horrível
 - D. um programa
 - E. uma forma de ganhar dinheiro
 - F. nada
 - G. uma atividade
- 11. Percurso na atividade**
 - A. difícil/duro
 - B. bom economicamente
 - C. momentos bons e momentos maus
 - D. bom
 - E. com altos e baixos

➤ Motivações para iniciar o trabalho sexual

- 12. Introdução na atividade**
 - A. Autônoma
 - B. Através de outras pessoas

13. Motivos que levaram a iniciar o trabalho sexual

A. económicos

- qualidade de vida
- falta de dinheiro
- obter dinheiro mais rápido
- ajudar a família
- quantidade elevada de dinheiro
- dívidas

B. flexibilidade de horário

- mais tempo para outras atividades

14. Motivos que levaram a continuar com o trabalho sexual

A. económicos

- quantidade elevada de dinheiro
- maior qualidade de vida
- dinheiro fácil
- dívidas

15. Vantagens

A. nível económico

B. flexibilidade

C. oportunidade

D. não há discriminação racial

E. sobrevivência

16. Desvantagens

A. riscos/Perigos

- assaltos
- contração de infeções sexualmente transmissíveis
- Consumo de drogas

B. falta de entendimento com os parceiros sexuais

C. tempo morto

D. falta de higiene dos parceiros sexuais

E. disponibilidade emocional

➤ **Reação Social e Implicações do trabalho sexual na vida do trabalhador do sexo**

17. Vivência de preconceito/discriminação

- A. sentiu discriminação por parte de colegas de trabalho
- B. nunca sentiu
- C. sentiu preconceito socialmente
- D. sentiu preconceito por parte dos clientes
- E. já sentia discriminação mesmo antes de iniciar o trabalho sexual, neste caso devido à sua nacionalidade

18. Razão para a existência de discriminação/preconceito/violência junto dos trabalhadores do sexo

- A. Religião
- B. questões sociais

19. Implicações e significados

- A. Indiferença
- B. incómodo
- C. mal-estar psicológico

➤ **Vivência Corporal e Sexualidade**

20. Vivência das primeiras experiências na atividade

- A. Diferente
- B. foram as piores
- C. nojo
- D. complicado
- E. sentimento de lixo
- F. horrível
- G. sentia-me mal
- H. sentia que não queria estar ali

21. Mudanças experienciadas após as primeiras experiências na atividade

- A. tornou-se tolerável
- B. sentimento de raiva
- C. indiferença
- D. acostumou-se
- E. ainda fica nervosa

22. Mudanças na visão do trabalhador sexual sobre o próprio corpo após iniciar a atividade

- A. sentia nojo do próprio corpo
- B. sente que o seu peso físico aumentou
- C. sente-se igual
- D. um lixo
- E. tornou-se fria
- F. vergonha
- G. não me sentia eu mesmo
- H. começou a dar mais atenção e importância ao corpo

23. Vivência de relações sexuais após entrar na atividade

- A. vida sexual ficou afetada
- B. começou a ver a relação sexual de uma forma diferente
- C. relação sexual por amor é uma coisa, enquanto relação sexual em trabalho é outra diferente
- D. tornou-se algo mecânico
- E. tornou-se algo frio
- F. já não sentia nada

➤ **Limites Corporais**

24. Estratégias mediadoras na prática da relação sexual com clientes

- A. pensamentos
 - penso na vida
 - os pensamentos dispersam
 - qualquer coisas menos no que está acontecer no momento

- surgem os piores pensamentos
- não penso em nada
- penso no dinheiro
- penso em sair o mais rápido possível daquele lugar
- penso não pessoas que realmente gosto

B. comportamentos

- não impõe limites
- acelerar a relação sexual com o cliente
- procura saber o que o cliente mais gosta

25. Limites/ comportamentos que estabelecem a diferença entre clientes e não clientes

A. Emocional

- não há sentimento
- dependo do cliente

B. Comportamental

- nada de maus tratos físicos
- nada de beijos
- não há certas práticas sexuais (*e.g.* sexo oral e anal)
- dependo do cliente
- é mecânico
- não há sexo sem preservativo
- mínimo contacto físico possível

➤ **Vivência Emocional**

26. Relação afetiva com clientes

A. não existe

B. já aconteceu desenvolver sentimentos por alguns clientes ainda que no fundo, sinto raiva de mim mesmo por deixar acontecer

C. já desenvolvi sentimentos por certos clientes

D. nunca aconteceu, sempre separe bem as coisas

E. já aconteceu, mas nada de especial

F. nunca existiria nada emocional, só físico

27. Implicações na relação afetiva com o parceiro amoroso após iniciar o trabalho sexual

- A. enfrentou-se algumas dificuldades
- B. houve um aumento de discussões conjugais
- C. não aceitava a atividade
- D. a relação ficou afetada principalmente a nível sexual
- E. ausência
- F. fiquei mais fria
- G. o prazer na relação sexual ficou afetado
- H. o meu parceiro conheceu-me através da atividade, não pode exigir nada

➤ **Cuidados com o corpo**

28. Cuidados com a aparência

- A. prefiro o natural, por vezes descuido-me
- B. tenho muito cuidado com a minha aparência
- C. considero algo fundamental
- D. preocupe mais com aparência
- E. sempre fui vaidosa, nada mudou

29. Cuidados com a saúde

- A. vou ao médico com mais regularidade
- B. muitos cuidados a nível higiénico

30. Estratégias de prevenção das IST's

- A. clientes
 - utilizar sempre preservativo
- B. parceiros
 - sem preservativo
 - com preservativo

➤ **Relacionamentos interpessoais**

31. Relacionamento familiar

- A. mantém uma boa relação

- B. anteriormente não era a melhor relação, mas atualmente damos-nos bem
- C. não tem conhecimento da atividade
- D. tem conhecimento da atividade

32. Motivos para não contar à família

- A. evitar conflitos
 - não iriam gostar
 - reagiriam mal
 - ficavam chateados
- B. quebrar relação familiar
 - não iriam conseguir lidar
 - nunca aceitariam
- C. não poder
- D. não depende da família

33. Motivos que permitem desenvolver relacionamentos amorosos depois de iniciar o trabalho sexual

- A. manter um equilíbrio
- B. confiança
- C. honestidade
- D. mentir
- E. não se meterem na vida um do outro
- F. distância, vivemos longe um do outro
- G. separar o trabalho da vida pessoal

34. Motivos que não permitem desenvolver relacionamentos amorosos depois de iniciar o trabalho sexual

- A. a própria atividade em si e a intimidade que a mesma implica
- B. o dinheiro para o parceiro amoroso começa a ser mais importante que a relação em si
- C. não existem pessoas boas

35. Como encontrar um equilíbrio entre o lado pessoal e o lado profissional

- A. não lida bem com o trabalho
- B. impossível não pensar
- C. separa bem os dois lados
- D. desligo o telemóvel profissional
- E. não penso na atividade
- F. casa é casa
- G. não deixe que a atividade interfira

➤ **Futuro**

36. Expetativas e objetivos

- A. deixar a atividade
- B. continuar, visto que não arranja outro emprego
- C. poupar e sair
- D. continuar na atividade
- E. sair, quero a minha liberdade
- F. continuar, sair só depois de cumprir os objetivos
- G. viver com qualidade
- H. Arranjar outro emprego